

O LUZEIRO
Revista Mensal publicada pela
Editora "O LUZEIRO" Ltda.
SUPERVISOR:
Prof. H. J. Souza
DIRETOR RESPONSÁVEL:
Eng. Clovis Bradaschia
REDATOR-CHEFE
Dr. Ermelino J. Pugliese
GERENTE:
Eng. G. E. Malschitzky
SECRETÁRIO:
Dr. Guedes Pereira
TESOUREIRO:
Luiz Boschetti
As opiniões emitidas em artigos
assinados são de responsabilidade
dos autores.



A SABEDORIA AO ALCANCE DE TODOS

SUMÁRIO

A Bomba Atômica
Ordem de Santo Graal
Hino Nacional Brasileiro. Ver-
são Quichua
"Shangri-la", existe?
Homenagem a um Templo
Conselhos Úteis - conclusão
do Capítulo I

É permitida a transcrição parcial ou total
dos artigos, deste periódico, desde que citada
a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL
Representação em SANTO ANDRÉ (Est. de S. Paulo - E. F. S. J.) - Av. Industrial, 52

A BOMBA ATÔMICA (1)

CICLOS ASTROLÓGICOS E RESPECTIVAS PROFECIAS

LAURENTUS

Os ciclos astrológicos são, esotéricamente, de 35 anos, enquanto os exotéricos, isto é, aqueles que de perto interessam ao mundo, de 36 anos. Em outras palavras: além das quatro grandes idades ou ciclos em que é repartida a vida universal (estamos na **Kali-Yuga** ou «Idade Negra», cujas «negruras» que assitimós, fazem jus ao seu nome...), e dentro dos quais se desenvolvem outros ciclos menores, figuram os chamados «ciclos astrológicos», compostos dos números de anos acima apontados. O que nos interessa, porém, para darmos provas sobejas das causas dos acontecimentos mais em evidência no mundo, e a razão de ser de nosso Movimento cultural-espiritualista, é o estudo sintético dos referidos ciclos astrológicos, pois, como sabe todo verdadeiro Astrólogo, além dos planetas dos anos, também devem ser levados em consideração os dos meses, dos dias, e até das horas. Quanto aos dos dias, a própria semana não-os apresenta, menos no Brasil, que tendo mudado o nome da sua moeda (o que devia ter feito desde a Proclamação da República), não ligou importância a essa exigência, pois «feira» só não há — embora que havendo as «livres» — nos sábados e domingos. Não se fale num vergonhoso «calendário» que tem o nome de «gregoriano», adotado no mundo inteiro, pois que, à própria LUA faz corar, quando passa por suas 28 casas, ou «asterismos lunares». Mas, a razão de tamanha «ignorância» é a mesma que obrigou Galileu, já então pelo Sol e não por sua irmã a LUA, a pronunciar a memorável frase «E pur si muove», para provar que, já naquela época, trevoso eclipse havia entre a Religião e a Ciência...

Mas, passemos ao que nos interessa: os ciclos astrológicos representam uma espécie de «circuito» entre os SETE planetas, dirigidos por um ao qual compete essa «função», que se fôssem interpretada esotéricamente, seria a de um «Raio planetário ou estado de consciência»,

o que equivale a dizer, sob a égide de um **Dhyan-Choan** ou **Espírito Planetário**. É, justamente, o «Dirigente do ciclo», que dá mais uma volta ou «esforço» além dos seus outros «Irmãos planetas», como se pode verificar no diagrama pertencente à Lua, cujo ciclo começou em 1945 para terminar em 1980:

LUA	1945 - 1952 - 1959 - 1966 - 1973 - 1980
Sol	1946 - 1953 - 1960 - 1967 - 1974
Saturno	1947 - 1954 - 1961 - 1968 - 1975
Venus	1948 - 1955 - 1962 - 1969 - 1976
Júpiter	1949 - 1956 - 1963 - 1970 - 1977
Mercúrio	1950 - 1957 - 1964 - 1971 - 1978
Marte	1951 - 1958 - 1965 - 1972 - 1979

Trata-se, pois, de uma multiplicação entre o número dos planetas, que é «7», e o «5», ou «número padrão», para essa matemática astrológica, que, em verdade, está de acôrdo com a «matemática divina». Os «5 Tattvas» ou Forças sutis da Natureza, estão estreitamente ligados ao mistério dos planetas. Estes, por sua vez, obedecem à ordem inversa comumente adotada.

O ciclo anterior, que foi dirigido por MARTE, começou em 1909 e terminou em 1944. Ninguém ignora o que foi esse período astrológico, seja pelo lado bom dos prognósticos, seja pelo lado mau, pois, como em tôdas as coisas, os opostos ou antagônicos são que mantêm o perfeito equilíbrio, na razão principal que é a do choque havido desde o comêço das coisas entre «o Espírito e a Matéria». A própria Cábala o diz: «Daemon est Deus inversus».

Pelo lado bom, verificaram-se as grandes descobertas que o mundo usufrui até hoje, embora por muitos de índole diabólica (pois até entre os homens os opostos se manifestam) fôssem empregadas em detrimento do próximo como meios de destruição e morte... Sobressaem, entretanto, a Rádio-Telegrafia, o Cinema Falado, a Televisão, etc. Quanto ao lado mau do referido

CONT. NA PAG. SEG

ciclo de Marte: a conflagração européia de 1914, a epidemia de gripe («espanhola»), a revolução russa e outras no México, Portugal, Espanha (esta, com a queda da Monarquia), além de em outros países, inclusive no Brasil. Conflagração muito maior, entretanto, sobreveio depois e não está ainda terminada, mas, pelo contrário, ameaça destruir **quase totalmente a face da Terra**. Realmente, a mesma não poderia ser de todo destruída, sem ter completado a sua própria evolução e dos seres que nela habitam. Nesse caso, «um outro Poder (ou valor) maior se alevantando» — que não é outro senão o Divino — virá pôr cõbro a tantos e tamanhos descabros, o que se dará no próximo ciclo do SOL, que começa em 1981 e termina em 2016. Mais adiante falaremos a esse respeito.

Já H. P. Blavatsky, em seu tempo, teve ocasião de dizer, referindo-se ao ciclo de Marte e àquele que ora estamos atravessando: «Em breve chegaremos ao fim do ciclo. Os cataclismas se sucedem. Grandes forças estão sendo acumuladas para esse fim, em diversos lugares». E com maior meridiano, o Dr. Buchaman, criador da Psicometria: «O período da convulsão se aproxima... As grandes perturbações já se manifestam, agravadas pela grande guerra que terá lugar na Europa no começo do século XX, guerra que dará o golpe de misericórdia nas grandes monarquias. Não será em 1916 (como não foi), que a paz se restabelecerá completamente... Tudo será destruído, com esta e outras guerras que aí vêm a caminho: **religião como tudo o mais**».

Para que tal cousa não acontecesse, mais uma vez o dizemos, seria necessário aquela FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA pela qual nos vimos batendo há longos vinte e oito anos de lutas e sacrifícios... Mas, ninguém deve duvidar: nada existe na face da Terra, por maior que seja o seu poder, que não entre em declínio e, finalmente, em morte ou desaparecimento...

Enquanto isto, os QUATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE — Domínio — Guerra — Fome — Peste — continuam a sua dança fatal sôbre o mundo, confirmando as duas profecias transcritas no capítulo anterior (2).

E ainda há quem fale em «Bombas atômicas» e outros engenhos de destruição e morte, «para conter as águas invasoras do materialismo brávio»... Quanto às primeiras, isto é, as «bombas atômicas», aqueles que pretendem usá-las serão as suas próprias vítimas... E os que ficarem, o verão! Pelo que tudo indica, não está longe a hora de tão rápido «suicídio»...

Muito antes que se manifestassem os que são tidos como «sábios», inclusive os da Academia de Medicina da França, através do Dr. Lacassagne, apontando a influência da energia atômica sôbre os ossos, a circulação, etc., e agora, os da própria América do Norte, afirmando «que ficou constatado, que, mais de mil crianças atingidas pelas vibrações atômicas na Baía de Bikini, tiveram o crescimento paralisado, etc.», já falávamos dos efeitos trágicos das bombas lançadas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, assim como as que, por simples experiência, na mencionada Baía de Bikini (3). E elas continuam até hoje modificando a face das coisas, pouco importando a opinião daqueles que nem sequer foram os seus descobridores, pois que estes (ao lado dos verdadeiros cientistas, inclusive o descobridor da «lei da relatividade», de vultoso número de bispos católicos e protestantes, além dos nomes mais ilustres nas ciências, nas artes, na literatura, etc., de

vários países do mundo, sem falar em Instituições culturais e espiritualistas, como a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA), fazem parte, na América do Norte, de valiosa instituição a favor da Paz, «e de um Governo Único para o mundo», com o título: WORLD FEDERALISTS, U.S.A.

A morte de Franklin Delano Roosevelt, bem se pode dizer, foi causada em grande parte por se ter comprometido com os descobridores da bomba atômica, de que esta jamais seria empregada como arma de guerra, e de ter sido tal pacto de honra e Fraternidade quebrado pelos «provocadores de guerra». Uma questão de opiniões, na mesma razão daqueles «opostos ou antagônicos» de que falamos anteriormente...

E tudo isso vem provar — como aconteceu com a aviação, e que levou à morte... nosso glorioso patricio Santos Dumont, o chamado «pai da aviação» — que nem tudo deve chegar ao domínio público, mas permanecer como «ensinamentos secretos», ou como «descobertas incompletas», como é, em verdade, a da chamada «bomba atômica», a fim de evitar desgraças maiores. Como disse o meigo Nazareno, que morreu por um mundo não menos indigno que o de hoje: «Não atireis pérolas aos porcos» («Margaritas ante porcus»)...

Falemos do ciclo da LUA que, segundo dissemos anteriormente, começou em 1945 e terminará em 1980: No setor do Bem, conduzirá a valiosas descobertas na medicina, na mecânica, na eletricidade, etc., assim como ao nascimento de grandes Jênios (preferimos escrever com J, para fazer jus ao JINA sânscrito), que virão enriquecer as ciências e as artes, como «verdadeiros florões» para a sua régia coroa. No setor do Mal, entretanto, os prognósticos são os piores possíveis, pois estamos no fim de um dos ciclos em que é repartida a vida universal: grandes catástrofes, principalmente causadas por tremendas inundações, inclusive na América do Norte, na Inglaterra, etc.; movimentos sísmicos de grande repercussão em diversas partes do Globo, principalmente na Itália, em Portugal, Chile, etc. Tudo indica uma nova guerra, além de revoluções... , nestas perdendo a vida nomes de grande projeção na política mundial... Crimes monstruosos, incluindo as tragédias conjugais; o número de suicídios aumentará assustadoramente, o que, aliás, já está sendo comprovado pela própria ciência oficial no campo psiquiátrico. A tôdas essas anomalias, o grande Roso de Luna chamaria de «aberrações psíquicas do sexo», pois, em verdade, o momento atual suplanta os da decadência da Grécia, do Egito, de Roma, etc., ou os que fizeram passar por tremendos castigos Sodoma e Gomorra, e o próprio continente atlante... A fome, além de outros fatores que para a mesma concorrem, principalmente a devastação dos campos pelo «demônio da guerra», é causada pelo abandono da lavoura, nos campos poupados, inclusive em nosso País, seja devido à remuneração do trabalho ser muito inferior ao das cidades (à parte o círculo vicioso de uma vida muito mais cara do que no interior), ou à atração pelas «novidades», ou coisas até então desconhecidas, que o rádio, como espada de dois gumes, apregoa. Os forasteiros também através da ostentação, do luxo e da riqueza, apontam o caminho certo para a prostituição e demais setores da «criminalidade»... Enquanto isto, a MORTE de braço dado com o DIABO, vão realizando a obra fatal da destruição do ciclo... Sim, o Diabo do vício, do êrro, do crime; e a Morte, como fenômeno concomitante: a tuberculose, a sífilis, a pneumonia, e todo esse lastro patológico que

é dom natural de tôdas as grandes cidades. O homem cada vez mais se afasta da mãe Natureza, mas paga caro o tributo da traição, arruinando a sua própria «natureza»... Algo assim como quem diz: «por não saber equilibrar a *Natura naturante* com a *Natura naturada*». No setor da política, além do que foi anteriormente apontado, mais vale sintetizar os prognósticos, usando as seguintes palavras: Costumava-se dizer outrora que «cada povo tem o govêrno que merece». Hoje, porém, deve ser dito: «Todo os povos têm os govêrnos que merecem». A «cadeia» da política mundial afrouxou, por completo, os seus elos... e estes foram perdendo a resistência «metálica» que os unia uns aos outros. Sobreveio a desconfiança, o retraimento para as realizações em conjunto, até que, sobrevivendo também a anarquia, surgiram as ideologias como recursos salvadores... E o mal aumentou ainda mais, a ponto das religiões quererem, não prôpriamente salvar o mundo, mas a si mesmas, numa esperança malograda, principalmente por preferirem agir em separado, como um moribundo que quisesse resolver casos que exigem esforços e inteligência, sem o auxílio do médico, dos parentes e dos amigos.

Mas, apesar de todo esse lastro de horrores e desenganos, não se quer dizer que não possam haver modificações gerais na face das coisas... Bastava que os Homens de boa vontade quizessem trabalhar, em conjunto, a favor de uma Paz duradoura para o mundo. Assim como «da União nasce a força», também do «Poder do Amor e da Vontade» poderla surgir um milagre, algo assim como a Fenix ressuscitada das suas próprias cinzas... Por exemplo: para evitar maiores danos que aqueles já apontados, «a construção de um dique tutelar contra as águas invasoras do materialismo bravio», frase esta bem nossa, quando pela primeira vez apelamos para uma FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA; mas agora completada pelos intelectuais e cientistas de tôda a parte do mundo, ou melhor, «todos os Homens de boa vontade», ou sejam, aqueles cujo coração e inteligência não foram atingidos pelo veneno sutil das ideologias bastardas. O que equivale a dizer que a matéria não pode suplantiar o Espírito, como está acontecendo agora no mundo. Ao contrário, os graves problemas que ora se apresentam não podem ser resolvidos com o canhão e a demagogia...

Mais uma vez repetimos: a política no Ocidente morreu com Franklin Delano Roosevelt, e no Oriente, com o Mahatma Gandhi, o maior mártir do nosso século, a Jóia preciosa da velha *Aryavarta*...

O ciclo do Sol, começando, como dissemos, em 1981 e terminando em 2016, encontrará o mundo nas mesmas condições do final da guerra de Tróia: ruínas, desolação, miséria, morte... Será, então, a hora hoje reclamada pelo grande «descobridor da lei da relatividade», e por quantos trabalham a favor da Paz entre os povos da Terra... Em tal época a Paz, hoje por muitos almejada, mas pela maioria repudiada — sabem eles a razão... — se firmará na Terra. Ninguém duvide destas palavras, sob pena de morrer asfiziado nas suas próprias dúvidas e incertezas... Haverá, então, o GOVÊRNO ÚNICO, pela simples razão da sua origem divina. Os poucos que restarem, fatalmente acreditarão nas suas palavras... e recursos. Tal govêrno não possuirá nem côres, nem gestos, nem símbolos, porque nada disto terá mais razão de ser. Um Pavilhão de Alvura Imaculada será desfraldado sôbre o mundo: o Pavilhão

da Paz Universal, mas também do Amor, da Verdade e da Justiça.

Depois então de alguns anos dessa beatífica existência, e do mundo ter novamente florido sob os transcendentes influxos dessa Era de Paz e de Felicidade, obterá como recompensa, a apoteótica e majestática Presença de um «Avatara Divino», sob a influência de AQUARIUS. Sôbre tal ERA, já muitos se têm pronunciado, mas de modo profano, e como tal, errôneo... Ela sobreviverá nos últimos anos do ciclo do SOL, isto é, no começo do século XXI. Os que se dizem «cristãos» (referimo-nos aos sinceros...) reconhecerão nêsse Ser, Aquele que na cruz morreu pelo mundo, na mais dolorosa de tôdas as Tragédias... O mesmo acontecerá aos Adventistas que, a seu modo, O esperam nessa mesma época, chamando-a, entretanto, de «Juízo Final», quando o «final» é apenas de um dos «ciclos em que é repartida a vida Universal», assim como a uma certa elite de «espíritas» que sempre procuraram servi-Lo, servindo, ao mesmo tempo, àqueles que no mundo necessitam de proteção e afêto... O Oriente inteiro, por sua vez, O aclamará como Yezeus Krishna, ou como o próprio Gotama, o Buda. Mas, os verdadeiros Ocultistas e Teósofos, nele reconhecerão «o Espírito de Verdade», o Sucessor do Manu, integrado na própria Divindade, como Pai, Filho e Espírito Santo, após ter lançado a «Semente» do Novo Ciclo, Aurora de Luz e de Esplendor que virá iluminar a face da Terra, depois de redimida das suas próprias faltas...

Esta «Era de Aquarius» — ouçam bem os que têm ouvidos para ouvir e vejam bem os que têm olhos para ver — também se chama «Era de Maitreya». Foi por essa razão que sempre condenamos os falsos Messias e Profetas, do mesmo modo que os Movimentos cujo caráter não deixassem transparecer «os verdadeiros sinais do tempo», e que por isso mesmo não estão em condições de falar em Nome do VERDADEIRO.

E com isto: SPES MESSIS IN SEMINE.

(1) Este artigo é mais um capítulo da obra «Ocultismo e Teosofia», editada pela S.T.B. em 1949 (nôta da redação).

(2) Número anterior de «O LUZEIRO» (nôta da redação).

(3) Quando do bombardeio da Baía de Bikini, de tão desastrosos efeitos para o mundo, aconteceu um fenômeno que até hoje a ciência oficial não explica, qual o dos enfermeiros e enfermeiras da Cruz Vermelha, ao tratarem, dias depois, dos que foram atingidos pelas vibrações, ou antes, circunvoluções atômicas, verem brotar em si, em lugares idênticos, e do mesmo tamanho, feridas iguais às das referidas vítimas. Fomos os únicos que revelaram a razão de ser do fenômeno: repercussões hiper-físicas produzidas na pele dos enfermeiros, por terem eles penetrado no ôvo áurico ou ambiente das vítimas. Um cruzamento, digamos assim, entre os duplos etéricos de uns e outros. Que sabe a ciência oficial a respeito? Nada, absolutamente nada. Pois bem, do mesmo mal está sofrendo agora, alguns anos depois (e principalmente pela continuação das experiências atômicas, em diversos lugares...), todo o Globo terrestre, porque tais circunvoluções, com o tempo, envolveram todo o seu ambiente ou ôvo áurico. A Terra é um Sêr vivo. E quem dentro dela comete desatinos idênticos, não passa de ignorante e perverso, porque, como seu habitante, não pode deixar de se fazer sua própria vítima (nôta do autor).

COMUNICADO AOS SENHORES LEITORES

Em virtude da crescente demanda que tem tido este periódico, por parte de pessoas de grande cultura e inteligência, a partir do próximo número cessará tôda e qualquer distribuição gratis, continuando as remessas a serem feitas exclusivamente aos assinantes.

ORDEM DO SANTO GRAAL

A Instituição que tem hoje o nome acima — genuinamente nacional — não tem ligação alguma com outras de nomes parecidos (1), muito menos de origem estrangeira. Desde o ano 1921 que a mesma se manteve de modo esotérico, passando agora à condição de Ordem de caráter místico e hierático, obediente aos estatutos que abaixo vão transcritos, nos seus artigos e parágrafos mais importantes, estatutos estes que se acham devidamente registrados.

Ata da Assembléia para discussão e aprovação dos estatutos e nomeação do Grão-Conselho da «Ordem do Santo Graal» (2):

Aos trinta dias do mês de junho, do ano mil novecentos e cinquenta e dois, atendendo à convocação feita pelo senhor José Henrique de Souza, que presidiu à reunião de fundação da «ORDEM DO SANTO GRAAL», tornaram a reunir-se na casa situada à Avenida Getúlio Vargas número quatrocentos e sessenta e cinco, em S. Lourenço, comarca de Pouso Alto, Estado de Minas Gerais, os seus fundadores e mais os senhores: dr. Adalberto José Pizarro Loureiro; dr. Antonio Castaño Ferrelra, dr. Cesar do Rego Monteiro Filho, General Cícero Pimenta de Melo, dr. Eduardo Cícero de Faria, dr. Eugênio Proclam Marins e dr. Arnaldo da Costa Pizarro.

Foi escolhido para presidir a assembléia o mesmo senhor Henrique José de Souza, que convidou para secretariar os trabalhos, os senhores José Eugênio Rangel Marins e Sebastião Vieira Vidal. Aberta a sessão, o senhor presidente pediu aos senhores Armínio Itagiba Strausz e Amalric Sobral Bazin para apresentarem ao plenário o projeto dos estatutos. O senhor Armínio Itagiba Strausz, em nome da comissão, leu então o trabalho realizado. Terminada a leitura, o senhor presidente, depois do assentimento da assembléia, pediu ao secretário que lesse artigo por artigo, sendo cada um deles discutido, merecendo a aprovação de todos os presentes. Os estatutos estão assim redigidos:

Preambulo: trinta e três místicos cristãos, piedosamente reunidos em assembléia, e com o pensamento no Redentor da Humanidade, e nos seus Divinos Mistérios resolveram fundar a «ORDEM DO SANTO GRAAL», com o caráter místico e hierático.

Fundação, sede e fins: Artigo primeiro — A «ORDEM DO SANTO GRAAL» foi fundada aos vinte e quatro dias do mês de junho, do ano de mil novecentos e cinquenta e dois, na casa da Avenida Getúlio Vargas, número quatrocentos e sessenta e cinco, na cidade de S. Lourenço, comarca de Pouso Alto, Estado de Minas Gerais, e tem por fim estabelecer um círculo de estudos sobre a tradição antiga do cristianismo e da sabedoria antiga, além de trabalhar pela fraternidade de todos os homens, segundo os ensinamentos do Cristo.

Parágrafo único: A «ORDEM DO SANTO GRAAL», adotará como emblema uma bandeira de côr amarela em pano de seda, tendo bordado em alto relevo a effigie de S. Jorge.

Direção e funções: Artigo segundo — A «ORDEM DO SANTO GRAAL», que se comporá de titulares e membros, será dirigida por um Grão-Mestre vitalício, que é o professor Henrique José de Souza, ficando por sua morte — como sucessor — seu filho Hélio Jefferson de Souza, substituído por sua mãe, enquanto não chegar à maioridade. Socialmente, por um Grão-Conselho, presidido pelo Grão-Chanceler. O mesmo Grão-Conselho será constituído pelo Grão-Chanceler, Mes-

tre-D'Armas, Mestre de Cerimonial, Grão-Notário, Chefe do Erário, Procurador e Arquivista. — **Parágrafo único:** todos os cargos do Conselho serão de livre nomeação do Grão-Mestre. Seguem-se as atribuições dos membros do Grão-Conselho.

Do Patrimônio: Artigo quinto — o patrimônio da Ordem será constituído de doações, legados ou benevolências e contribuições pessoais voluntárias.

Dos Graus da Ordem: Artigo sexto — os graus da Ordem, que dizem respeito aos titulares, são os seguintes: a) — Grão-Cruz; b) — Grande Oficial; c) — Comendador; d) — Oficial; e) — Cavaleiro. Estes graus serão conferidos às pessoas que se recomendarem por assinalados serviços prestados à Humanidade, a juízo do Grão-Mestre. **Parágrafo único:** a descrição das condecorações correspondentes a cada um destes graus, bem como a maneira de usá-las é matéria tratada no Regimento Interno da Ordem.

Dos membros da Ordem: Artigo sétimo — os membros da Ordem, serão constituídos de todas aquelas pessoas que queiram nela ingressar desde que, para isso, estejam qualificadas, a juízo do Grão-Mestre. — **Artigo oitavo:** é dever de seus membros, não só, a manutenção material da Ordem, mas também a do seu alto nível espiritual e cultural.

Da dissolução da Ordem: Artigo nono — em caso de dissolução da Ordem, os seus bens reverterão em favor de uma instituição de fins culturais e espiritualistas, de acôrdo com a deliberação do Grão-Mestre.

Disposições Transitórias: Artigo décimo — os presentes estatutos aprovados aos trinta dias do mês de junho do ano de mil novecentos e cinquenta e dois, vigoram desde esta data e só poderão ser modificados depois de um ano, por decisão do Grão-Mestre, com a decisão do Grão-Conselho.

Passando-se à segunda parte da ordem do dia: nomeação do Grão-Conselho pelo Grão-Mestre, foram nomeados os senhores dr. Adalberto Pizarro Loureiro, dr. Antonio Castaño Ferreira, dr. Cesar do Rego Monteiro Filho, General de Brigada Cícero Pimenta de Melo, dr. Eduardo Cícero de Faria, dr. Eugênio Groclam Marins e dr. Arnaldo da Costa Pizarro, para exercerem respectivamente os cargos de: Grão-Chanceler, Mestre-D'Armas, Mestre de Cerimonial, Grão-Notário, Chefe do Erário, Procurador e Arquivista, sendo imediatamente empossados pelo Grão-Mestre. A seguir, o Grão-Chanceler, agradeceu em seu nome bem como no de todos os membros do Grão-Conselho a confiança neles depositada, prometendo tudo fazer para se tornar digno da honrosa investidura. Nada mais havendo a tratar, e ninguém mais tendo desejado fazer uso da palavra, foi a assembléia encerrada pelo senhor presidente, e eu, Sebastião Vieira Vidal, secretário da mesma, lavrei a presente ata, a qual subscrevo.

S. Lourenço, 30 de Junho de 1952.

Sebastião Vieira Vidal — secretário.

Assinado: Henrique José de Souza — A. J. Pizarro Loureiro.

(1) Não se deve confundir *gral* com *Graal*. Os bons dicionários da língua portuguesa mostram, claramente, a diferença profunda entre os dois termos: *gral* é o mesmo que *almofariz*, ou objeto de laboratório onde são feitas certas «misturas», e *Graal* é a taça sagrada onde, segundo as tradições, José de Arimatéia recolheu o sangue de Jesus, o Cristo.

(2) Transcrito de «MINAS GERAIS». Órgão Oficial dos Poderes do Estado, Belo Horizonte, 1.º de Janeiro de 1953, página 11.

VERSÃO QUICHUA DO HINO NACIONAL BRASILEIRO

CEL. ARLINDO VIANNA

Continuando a divulgação das versões do hino nacional brasileiro, apresentamos agora a versão quichua. Antigo idioma sul-americano, falado pelo povo aborígene, dividido em seis tribos e que ainda habita o Perú, o quichua é altamente polissintético, rico, sonoro e flexível, possuindo literatura oral copiosa.

«El quichua — diz o Cap. Jorge Vellarde — é um idioma que atualmente lo hablan nuestros indios del Perú, esto es que mas o menos 40% de la población de Perú atual lo habla. Este idioma si bien es hablado desde hacen muchos siglos, conserva todas sus formas originales, pesé a la influencia acarracada por el español. Atualmente en el Perú existe un diccionario Quechua-Español del autor Presbítero Jorge Lvia; esta obra jusgo que es la mas completa escrita hasta el momento y es la adoptada oficialmente en las universidades de allá, para os estudios que realizam sobre a Antigua Civilización de los Incas, que se sabe constituyo el Grande Imperio del Tahu-antivisuyo (quiero decir 4 suyo ou regiones). Estas 4 regiones se llamaban Antisuyo, Contisuyo, Collasuyo e Chin-Choysuyo.

Cabe anotar que estas 4 regiones correspondiam a los 4 outros de la rosa nautica».

Desenvolvendo nossa atividade para conseguirmos a versão quichua do hino nacional brasileiro entramos em contacto com o Exmo. Sr. Embaixador do Perú, no Rio de Janeiro.

S.S. indicou entre outras instituições que poderiam atender nosso desejo «el Instituto de Linguística y Filosofía de la Universidad Nacional de San Marcos», de Lima (Parque Universitario, Lima, Perú), bem assim o Dr. J. M. B. Farfan, del Instituto de Estudios Etnológicos, Sección Linguística (Avenida Afonse Ugarte, 650, Lima, Perú), que diz S. S. tem reconhecida competência para verter em quichua textos originários de outros idiomas e que também poderá traduzir o Hino Nacional Brasileiro para o Aymara, outra importante lingua aborígene falada por mais de 2.000.000 de homens da região do Altiplano Peruano-Boliviano.

Para lá nos dirigimos e aguardamos resposta quando graças a ligação gentilissima que fez o Cap. Carlos Azevedo da nossa E.T.E. com o Cap. Jorge Velarde Zvietcovich, atualmente aluno peruano da mesma escola técnica do nosso Exército e que nos presenteou com a admiravel versão de Dr. Nemésio Zniga Cazorla, ora divulgada.

A referida tradução, diz o Cap. Jorge Velarde, devemos a um dos melhores quechuologos peruanos que temos atualmente na cidade de Cusco. O Dr. Cazorla, que é o tradutor é doutor em Teologia e Filosofia, atualmente residindo na pequena cidade perto de Cusco denominada Urubamba, que é a Capital do Vale de Urubamba, conhecido pela denominação de Valle Sagrado dos Incas.

Tal versão é para nós uma joia rara da literatura sul-americana e vem pois do VALLE SAGRADO DOS INCAS.

BRASIL SUYUMAM HARAHUE

Pulcancanmi Ipiranecac kcochucuinnin chchullpapi,
huc llatac ima kkanca kqepacuininta,
qqespencan kkanchoy lnti lllipirecta
mama suyae qqellpunpi chay kkanharecta.

Chay minkkaehus cuscachalman,
Sinchi rec-ra taripasum suyunchaita,
kkinchuiquipi qqespencanta,
ccjasccoicun samaricunca huanuihuanrac.

!Alay maihuascca Suyu!
chchielluimascca,
Sami, sami. (1)

Brasil, huc atimoscco, huc causascac huachoni,
chayan hallppaaman maihuacuy suyacuipi,
maipachan chonuya nauray anccjas qqellpupi,
thupa Huanpuc ricchchainin pucllirectin.

Ima hatunmi canqui yumi causalpi,
ima nauray, ima kqueqpe, arqje hunkkac
qqepa mitmun chaíta cururanca.

!Yupaichascca Halippa!
nuaquinmanta nuarancanpi,
Brasil Canqui, (2)

Anay maman canqui huasi kquesapi,
maihuascca Suyu,
Brasil canqui
chchielluscca Suyu! (3)

Kkachapani kkiraupi, hinnay ttancaspa,
ccochoac cuncanpi, ppuyuncoc anccjas ninpi,
llipllirinquin! Alay Brasil Américac ttica acun,
Huamac syuc tecse Intinta kkanchatispa.

Ashuan cearhuay hallppata
llallinmi asymanac huaita paucarniqui,
ccanpin tarin causaita, quiusi sachacha,
kkinchuiquipin causainincu, ashan maihuaita,

! Alay maihuascca Suyu !
chchielluimascca,
Sami, sami.

Brasil, huinaimi maihuacuy unanchaiquipi,
unanchaiqui ccoillurmanta nauraimana,
rimachntac cejosi kemer huaira pucllac;
Ccasi causay hamucpac, naupapac-ri cusi qqellpu.

ashuantachu simita huccarin auccay callpa,
ricunquin, manan maecque huahuaiquipas aequencachu,
ccan yupaichac-ri, manan manchanchu huanuiman riyta.

!Yupaichascca hallppa!
nuarancanpi huaquuinagta,
Brasil banqui,
Alay maihuascca Suyu!

Anay maman canqui huasi Kquesapi,
maihuascca Suyu,
Brasil canqui,
chchielluscca Suyu!

Urubamba, 25 de julio de 1952.

NEMESIO ZNIGA CAZORLA

Separata de «O SUL DE MINAS», n.º 288, de 26-10-52

“SHANGRI-LA”, EXISTE?

Dr. E. J. PUGLIESE

Uma das idéias que ressalta das tradições de todos os povos, é a da existência de Um País encantado ou «TERRA SAGRADA», onde os ideais da Humanidade estão realizados.

De fato tal idéia se encontra exposta nas mais antigas tradições da Europa, Asia Menor, China, India, Egito e dos povos das Américas. Lugar êste somente conhecido por criaturas que DELE se fizeram dignas; mas também, nos sonhos infantis, porque nas crianças se acham a Pureza e a Inocência daqueles que, a bem dizer, nesta vida ainda não pecaram. O Caminho que a tal Lugar conduz, é a Chave-Mestra de tôdas as iniciações do passado, do presente e do futuro, pois que se prende aos mistérios da evolução dos seres e do próprio Globo terreno. Uma dessas chaves, qual «Abra-te SESAMO» de Ali-Baba e os Quarenta Ladrões», é a palavra francesa VITRIOL, (7 letras) dos antigos Rosacruzes, com o significado: VISITA INTERIORA TERRAE RECTIFICANDO INVENIES OMNIA LAPIDEM, para provar, além do mais, que é «no interior da Terra onde se acha o verdadeiro MISTÉRIO».

A Grecia, nos seus mistérios de Delphos, Dionisos ou de Eleusis, nos fala do Monte Olimpo e dos Campos Eliseos... (1). A região da bemaventurança dos primitivos tempos védicos, designados com os vários nomes, Ratnâsanu (O Cume da Pedra Preciosa), Hemâdri (A Montanha de Ouro), é o Monte Merú. O Olimpo dos Induistas. Simbolicamente o cume deste monte místico, está no céu, sua parte média na terra e sua base nos infernos... E' a mesma Cidade dos Doze Azes, dos Edas escandinavos, ou o País Subterrâneo de Asar, dos povos da Mesopotâmia. E' o País do Amenti a que se refere o Livro da Sagrada Morada ou dos Mortos do antigo Egito. E' a Cidade das Sete Pétalas do Vishnú, ou a Cidade dos Sete Reis do Edom, Edem ou Gan-Edem da tradição judaica, ou ainda o Paraíso Terrestre. Tôda a Asia Menor, numa só voz, até hoje faz referência a uma Cidade de Mistérios e cheia de Maravilhas — SHAMBALLAH (Shamb-Allah, Mansão dos Deuses) que é a mesma Ermedi dos tibetanos e mongóis.

Os persas, chamaram-na de Alberdi ou Aryana-Vaejo, a terra dos seus antepassados; os hebreus a denominaram de Canaan; os mexicanos, de Tula ou Tullan; os aztecas conheciam-na com o nome de Aztalan ou a Cidade de Chicometazc; os mayas, de Maya-Pan. Os espanhóis acreditavam que tal cidade se achava nas Américas e denominaram-na de El-dorado e ficaram contentes quando souberam que tal cidade era conhecida pelos aborígenes pelo nome de Manoa ou a «Cidade dos tétos de prata e cujo Rei usava vestes de ouro».

Para os celtas, este lugar era conhecido com o nome de «A Terra dos Mistérios» — Duat de Dananda. A tradição chinesa nos fala da Terra de Chivin ou a Cidade das Doze Serpentes. E' o Mundo subterrâneo, que fica na raiz do céu, segundo votam Tsental, e o Caminho que a este lugar conduz, é o da serpente. E' o País dos Calcas, Calcis (ou Kalki) a famosa Colchida, para onde se dirigiram os Argonautas, à procura do

Tosão de ouro.

Na idade Média, se falou nos Reinos do Pai João, como na Ilha de Avalon onde os Cavaleiros da Tavola Redonda, sob a chefia do Rei Arthur e orientação do Mago Merlin, para lá se dirigiram «em Demanda do Santo Graal», Símbolo de Redenção, Justiça e Imortalidade». Quando, certa vez, o mesmo Rei Arthur foi seriamente ferido numa batalha, despede-se do seu companheiro e amigo BELOVEDYE (nome que também se dá à AGARTHA, e significa «Bela Aurora»), de dentro da «barquinha» onde viajava para os confins da Terra, com as seguintes palavras: «Adeus, meu amigo e companheiro Belovedye, Eu vou para a Terra onde não chove, não cai granizo, onde não há doenças, nem se morre» (Terra da IMORTALIDADE, portanto). O Rei Arthur e seus Doze Cavaleiros, também representam o Sol e os doze signos zodiacais, como suas casas. Da mesma maneira, Carlos Magno e os Doze Pares de França. Jesus, por sua vez, era cercado pelos Doze Apóstolos. Cristo é termo que se aplica ao próprio Sol. E' chamado de «mito Solar». Seu ciclo é de 608 dias... Por isso que se lhe dá, astrológicamente, o nome de «número crístico», pois que o cabalístico é o 888...

Nas tradições nórdicas da antiga Germânia, tal lugar é o WAHALLAH, «O Vale de Allah ou de Deus», onde os guerreiros, os heróis (os Kshattriyas, como é chamada na India essa casta sagrada, ao par da de Jinas ou Sábios, Iluminados, etc.), eram para lá conduzidos pelas Walkyrias (Vale das Kiris, contrariamente ao Vale dos Kurus ou Gurus, Mestres, Adeptos, etc.), tradição esta que inspirou ao grande compositor Richard Wagner, a escrever suas manumentais e iniciáticas obras. Na de Parsifal, por exemplo, fala-nos das Terras do Monte Salvat, do mesmo modo que em Lohengrin, onde se encontra «o SANTO GRAAL». Marco Polo parece ter sido o primeiro, no Ocidente, a falar desta cidade, quando faz referência à de CHIPANGO «a cidade dos Palácios de Ouro». Os ciganos, povo estranho (cuja origem só agora foi revelada pelo Prof. Henrique J. Souza, Presidente da S.T.B., no seu estudo em Dhârâna, intitulado «O Mistério dos Ciganos»), fazem referência à Terra de sua origem, dizendo terem vindo de um País distante, onde eram governados por um Rei divino, segundo a tradição desse mesmo povo. E quando a primeira leva se apresentou na França, ao serem interrogados, quem eram?, responderam: — «Eu sou o Rei, ela a rainha, este outro o Conde (ou Valete), e aqueles dez, os soldados de nossa côrte», apontando, assim, um naipe entre os quatro do Baralho, cujo Jôgo eles fazem uso na arte da cartomância (Taro dos Boêmios). Também falavam em «palácios de prata e ouro, com janelas de cristal»; lugar de Paz e Felicidade, para onde um dia, depois de sua trajetória pela face da Terra... teriam que voltar.

Para os índios do Paraná, êste lugar, êste Paraíso terrestre, é PAIQUERÉ (Boassucanga), região escondida, «nas terras altas», além dos campos e pinheirais. Os que ali penetram, ficam sempre moços, as mulheres sempre bonitas, os homens sempre vigorosos. Tudo é

Paz, Alegria e Felicidade. Para algumas tribus de Mato Grosso, tem o nome de **MATATU-ARARACANGA**, com o significado de «cabeceira das araras».

Tôdas estas tradições inspiraram obras notáveis, como por exemplo a **República de Platão**; a **Cidade do Sol**, de Campanella; **Utopia**, de Tomaz Morus; **O Paraíso Perdido**, de Milton. Em nossos dias, na arte cinematográfica, como o filme **«Horizonte Perdido»**, do livro de James Hilton. Os que assistiram o filme ou leram o livro, guardam ainda a recordação maravilhosa de **SHANGRI-LÁ**, a famosa cidade erguida no Vale da Lua Azul, no coração do Thibet. Talvez muitos tenham ido em sonhos a este lugar, quem sabe?... Lugar este onde os grandes ideais da humanidade estão amplamente realizados: Paz, Amor, Sabedoria.

Mas tudo isso, leitor amigo, não é mera alegoria, não é uma fantasia; é uma realidade que o mundo só provará na melhor das hipóteses, daqui a alguns milênios. Afirmam os Sábios, do Velho Oriente que a verdadeira Shangri-lá existe realmente ao abrigo dos terremotos, das grandes catástrofes, longe da maldade e ignorância humana. Nesta Cidade Sublime, só os de coração puro e mente esclarecida podem penetrar, e a eles o Caminho lhes é revelado.

René Guénon, Alexandra David-Neel, e outros estudiosos do assunto, que durante longos anos viveram pelas regiões da Asia, chegaram à conclusão que a verdadeira Shangri-lá de tôdas as tradições, é Asgardhi, melhor dito, **AGARTHA** (2). Governada por um Sêr misterioso, denominado o **REI DO MUNDO**, permanentemente representado por **OUTRO** entre os homens. No ano de 1924, estava representado no 31.º Budha Vivo da Mongólia, quando com ele terminou o ciclo do Oriente, dando início ao **«Occidente Lux»**, isto é, ao período em que a Luz Espiritual do Mundo, por força de **LEI** passava a se irradiar do Ocidente. Desde essa época o Tibet, até então inacessível aos estrangeiros, passou a ser visitado por quem lá quizesse ir, e hoje... invadido, não mais possui as premissas do passado. Estes acontecimentos confirmam a profécia de **Tsong-Ka-pa**, fundador do Lamaísmo, relativo ao Trachi-Lama... «Que a Terra Sagrada de Bodh-Yul (Tibet) seria inacessível aos estrangeiros até o dia em que o Trachi-Lama reencarnasse no País de Pheling (Ocidente) para aí disseminar a **Lei de Tathágata**, e que para além das águas negras de Kalapani (oceano) se iniciaria um grande movimento espiritualista».

A última representação «oficial» deste misterioso **REI DO MUNDO**, regente supremo da **AGARTHA**, no Oriente, terminou com o 31.º Budha Vivo da Mongólia, e o 13.º da série dos Dalai-Lamas no Tibet.

Inútil e sacrílega é a comédia que se representa desde aquela época, 28 de setembro de 1921, no Tibet, como em todo o Oriente. Comédia essa tecida pela política de alguns lamas cobiçosos do «País da Neve Eterna», mas que já começam a apelar para os Homens do Ocidente.

Ossendowsky afirma que a **Agartha**, cuja significação é «Intangível», Impalpável, Inacessível, Invenci-

vel, segundo certas tradições, tem em Lhasa certa semelhança (?). Segundo outras tradições, nem sempre foi esse lugar inacessível, intangível, etc. Em outras épocas, esteve na face da Terra, era a parte mais Sagrada da própria Atlantida, onde os deuses se confundiam com os homens. A mesma Bíblia afirma que «os anjos tiveram de se unir com as filhas dos homens». E estes, segundo aquela outra tradição, não eram tão maus e ignorantes como agora... A grande catástrofe atlante concorreu para que a referida região se passasse para o seio da Terra. A bem dizer, é ela a verdadeira **ARCA**, Barca (ou **Agartha**) para onde o Manú daquela ocasião, mesmo que se chamasse **NOÉ**, conduziu seu povo (ou família) afim de não sucumbir na referida catástrofe. Com outras palavras, para que a mesma ficasse, afim de ser formada a nova Humanidade (civilização ou raça).

A jovem misteriosa, que foi queimada numa fogueira, e de cuja boca saiu, na hora de exalar o último suspiro, uma pomba de alvura imaculada (símbolo do Espírito Santo, ou do Terceiro Logos, que é ainda, o do Seio da Terra...), e que se chamou **Jeanne D'Arc**, **Jina**, ou gênio da Arca, da Barca ou da **Agartha**, ou mesmo, do arco em relação à velha lenda dos países escandinavos, etc. que o **ARCO-IRIS**, é a **PONTE** que conduz as almas de um mundo para outro. O próprio termo pontífice, quer dizer: construtor de pontes, repetimos, tal jovem que defendeu a França contra os seus inimigos... como se viu, trás em seu nome, a revelação do mistério...

João, no Apocalipse V, 3,13; Paulo, na Epístola aos Filipenses, II, 10; Isaías em XLV, 23 fazem referência a esses acontecimentos e aos «habitantes do interior da Terra, que ninguém poderia conceber tais palavras, como sendo empregadas em relação com os vermes e outros animais que vivem na primeira camada de certas regiões do globo, etc. No Norte da Rússia existe um povo que vive exclusivamente debaixo da Terra, pois aí possuem suas casas, suas plantações etc., só saindo para caçar em determinadas épocas do ano. Os primeiros ciganos que chegaram à França (vide Mistério dos Ciganos na revista **Dhârâna**, estudo de H. J. Souza) logo procuraram estabelecer-se debaixo da Terra, onde além de construírem suas casas, dedicavam-se à arte de «ferreiro» da qual são mais que exímios.

O título em hebraico das Epístolas de Paulo, refere-se exatamente a semelhante Lugar, que, segundo as várias tradições, toma os mais variados nomes, aponta: «**Agartha-al-Ephesin**; **Agartha-al-Galatim**; **Agartha-al-Romim**, isto é, «da **Agartha** aos Efesios (ou Efesos); da **Agartha** aos Galatas; da **Agartha** aos romanos».

E como a **Agartha** também seja chamada de «**Cidade das Doze Serpentes**», como se falou em outros lugares deste trabalho, além de «**Dragão das Sete escamas**», poder-se-á compreender melhor a razão pela qual o Presidente da **SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA** teve que visitar, em 1899, a cidade de **SRINAGAR** no Norte da India, pois, o significado de semelhante palavra sânscrita, é: **HOMENS-SERPENTES**, **SABIOS** ou **ILUMINADOS**. De fato, **SRINAGAR** (ou

o próprio Oriente) naquela época, ligada se achava à referida e misteriosa «cidade». **Serpente e Dragão** são, por sua vez, termos que se confundem. Nas lendas do povo NAHOA, seu Manú, o famoso Quetzacoatl tinha, enroscadas em seu corpo, «doze serpentes». E isto não passa de uma alegoria de imenso valor iniciático: O Manú representando Sol. E as Doze serpentes, suas casas ou signos do Zodíaco. Quanto ao número SETE dessas mesmas serpentes, como também foi dito anteriormente, equivalem aos astros ou planetas que gravitam em torno do Sol. A Agartha, tanto outrora como hoje... «é composta de sete regiões, cada uma delas governada por um Rei. São os Sete Reis de Edom de que falam certas escrituras sagradas.

E assim, LEITOR AMIGO, tudo isso será mesmo uma UTOPIA ou fantasia? Existirá, realmente, semelhante LUGAR, ao qual, nos últimos tempos, se propôs chamar de SHANGRI-LA? Por isso mesmo, um HORIZONTE PERDIDO para os homens vulgares, mas HORIZONTE achado ou encontrado, «para os de boa Vontade», que outros não são, senão, aqueles que, de semelhante «Horizonte» se fizeram dignos?...

«Felizes daqueles que não viram e crêram», ensinou Jesus aos seus discípulos.

(1) No livro a «Nova Mitologia», de Commelin, se encontra: «Na Mitologia grega e romana, os «infernos», são lugares subterrâneos onde descem as almas depois da morte para serem julgadas e receber o castigo de seus crimes ou a recompensa das boas ações». «Todos os caminhos levam aos infernos» disse um poeta antigo, isto é, à morte e ao consequente julgamento. Esses lugares subterrâneos, situados a uma profundidade considerável, em baixo da Grecia e Itália, estendiam-se até os extremos confins do mundo então conhecido; e assim, como a Terra era cercada pelo rio Oceano, eles eram circunscritos e limitados pelo reino da Noite. Acreditavam os gregos que as suas entradas estavam situadas nos antros visinhos do Cabo de Averno, ao sul do Peloponeso; os romanos supunham que haviam outras entradas mais perto deles, como por exemplo os abismos do Lago Averno, as grutas visinhas de Cumas. De resto tanto na Grecia como na Itália, era crença geral que tódas as fendas, grutas, cavernas, podiam levar em comunicação com os infernos».

A tradição que nos fala da existência das regiões subterrâneas, denominadas de Inferno, é antiquíssima e mais tarde aproveitada e deturpada pelos teólogos para atemorizar e escravizar as massas.

Podemos distinguir no Inferno grego, três regiões distintas: Tártaro, Erebo e os Campos Eliseos. Estes três mundos subterrâneos ou inferno dos gregos, corresponde ao CÉU, PURGATÓRIO e ao INFERNO do Catolicismo.

O Tártaro era o lugar onde foram precipitados os Anjos Rebeldes e, para onde eram enviadas também as almas dos homens que haviam cometido crimes que lesam a Lei Universal. Por isso alguns mitólogos fazem uma distinção entre o Tártaro propriamente dito (a prisão dos Anjos Rebeldes) e o Inferno dos máus.

Erebo era o lugar da Purificação, uma região intermediária, onde as almas também deviam passar por certas transformações antes de entrarem nos Campos Eliseos, ou melhor, antes de DESCEREM AOS CÉUS.

Os Campos Eliseos ou o Ollmpo — é a região das almas redimidas pelos seus próprios esforços, é o Lugar da Eterna

Primavera; «as suas florestas que emanavam os mais raros perfumes eram atravessadas pelo rio Letes, e ali os heróis e os deuses tinham o repouso e a felicidade perfeita».

Na *Enéida* de Virgílio, «Eneias desce aos infernos». E é tal a sua dificuldade em sair daquele lugar, que faz dizer à sibilla de Cumas: «Hoc opus hic labor est». O mesmo aconteceu com Orfeu, que vai aquele lugar em busca da sua bem-amada Euridice. JESUS, por sua vez, segundo o próprio CREDO, «desce aos infernos, para ressurgir dos mortos, ao terceiro dia».

Quanto ao Inferno, devemos tomar no seu verdadeiro sentido etimológico ou seja, **Infero, In-fer-a**, lugares **inferiores**... «debaixo da terra»... e nunca necessariamente uma região tenebrosa e cheia de horrores como estudamos em algumas religiões... Antes que o corpo, que a alma possam ter o direito de «entrar no céu», nos Campos Eliseos ou AGARTHA, necessário se faz que os desejos, que as impurezas sejam consumidas pelas CHAMAS da Purificação dos outros dois mundos — daí o simbolismo das «Chamas do Inferno».

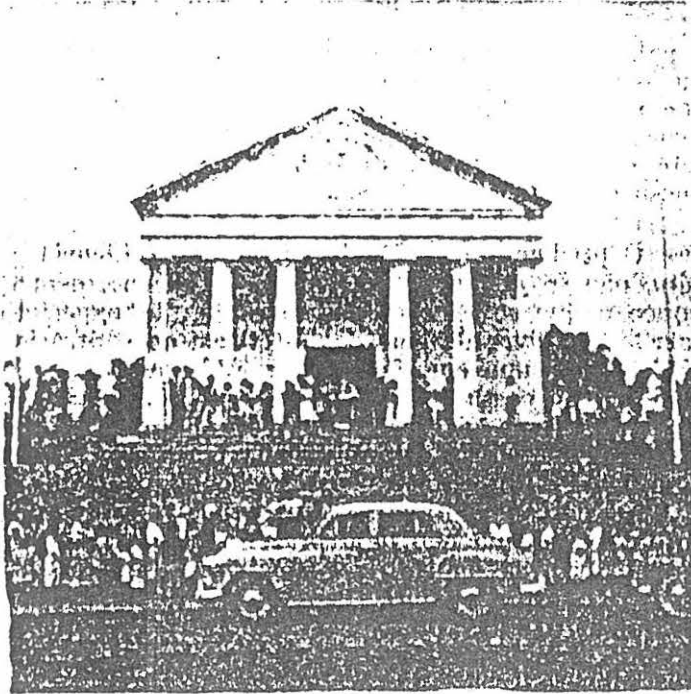
Estes três mundos, correspondem no homem a CORPO, ALMA E ESPIRITO. Segundo Plutarco, «enquanto o Homem se achava na terra, a esta estava ligado, a Alma, à Lua, e o Espírito ao Sol.

(2) Para que o leitor possa ter melhor idéia a respeito deste centro geral que é AGARTHA, e aquele que, em cada ciclo A representa na face da Terra, transcrevemos neste lugar alguns trechos de imenso valor, extraídos da obra do Presidente cultural e espiritual da S.T.B., Prof. Henrique J. Souza, intitulada o VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO:

«Malkuth (a décima sephiroth) é o reservatório onde se reúnem as águas do rio, provenientes de seu cume, isto é, tódas as emanações (graças às influências espirituais) que ela espalha em abundância. Este rio do alto, e as águas que dele procedem, fazem lembrar o místico papel atribuído ao rio celeste GANGA (donde procede o de GANGES, na Índia), da tradição indú, como também se poderia notar que a Shakti, de que GANGA é um aspecto, não deixa de possuir certas analogias com Shekinah, na razão da função «providencial» que lhe é peculiar. O «reservatório das águas celestes», é, naturalmente, idêntico ao CENTRO ESPIRITUAL DO NOSSO MUNDO; daí partem os quatro rios do PARDOS (Pardos é um termo que faz lembrar o «Paradis» francês, com o significado de Paraíso), dirigindo-se para os 4 pontos cardiais. Para os Judeus, tal centro espiritual se identifica com a colina de Sião, a mesma a que eles denominam de «Coração do Mundo», designação dada a tódas as TERRAS SANTAS. E que equivale ao Monte Merú dos indús, e ALBORJ ou AL-BORDI (Montanha Primordial) dos persas.

Os membros adiantados da S.T.B., que de ser um COLÉGIO INICIÁTICO, por sua vez, é o centro de irradiações espirituais para o mundo, tiveram ocasião de presenciar um fenómeno estreitamente ligado ao mistério desses 4 rios sagrados, em 1949, cujas águas azuis começaram a banhar, desde aquela época, a superfície da Terra. Momento, pois, dos homens se definirem em relação ao seu progresso espiritual, no ciclo que agoniza, para o amanhecer daquele que despenda no horizonte do mundo.... Por sua vez o verdadeiro Lugar onde tal Centro se firma, é a estância de S. Lourenço, onde nosso Movimento, a 28 de setembro de 1921, fez a sua espiritual eclosão, «qual lôto sagrado nascido do fundo das águas». Alegoria esta que vai muito bem com a referida estância hidro-mineral. E como o supracitado MOVIMENTO tivesse lugar (como a todos os anteriores aconteceu) no cume de uma Montanha, hoje considerada como «Sagrada» pelo próprio povo do lugar, recebeu o nome de LOURENÇO (da própria estância) acrescido de Prabhava-Dharma, pois, segundo as escrituras orientais, é aquele do Manú do ciclo atual, isto é, da sétima sub-raça do ciclo ário. Como se vê, tal nome dado à nossa Montanha sagrada, é composto pelas 3 misteriosas iniciais (L.P.D.) da qual já se serviam respectivamente, os condes de São Germano e Cagliostro, como prova o movimento, ao mesmo tempo spi-

HOMENAGEM A UM TEMPLO DEDICADO A TODAS AS RELIGIÕES DO MUNDO

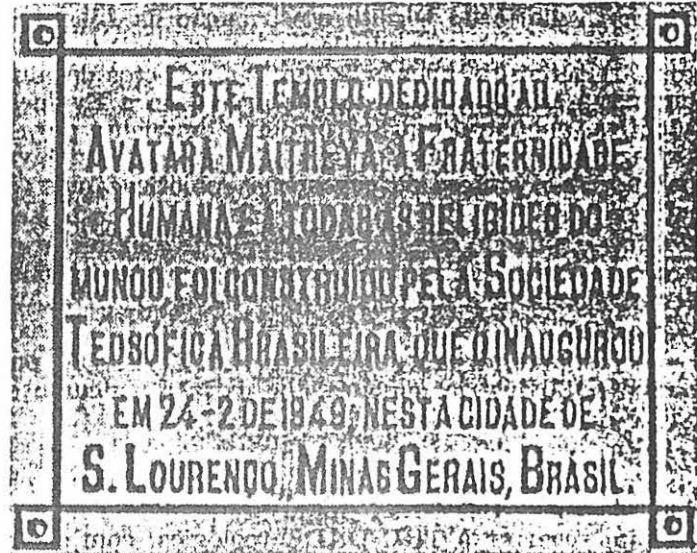


Templo da STB edificado na Vila Canaã em S. Lourenço (Minas Gerais), dedicado à todas as religiões do mundo. E conseqüentemente, à Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de nenhuma especie. Semelhante Templo é visitado todos os domingos, por vultoso numero de pessoas, que lhe vão prestar homenagens. E isto, além do mais, por se tratar de fato inédito no mundo. Pelo que se vê, é mais que um TEMPLO. É um Monumento erguido à propria Divindade para fazer júz aquilo que "de direito e de fato" representa a mesma S. T. B.: "centro de irradiações espirituais para o mundo".

O TEMPLO, nesta página homenageado, encontra-se estreitamente ligado a duas efemérides, cuja significação mais profunda é apenas do conhecimento dos membros mais adiantados da Sociedade Teosófica Brasileira. Estas efemérides vão abaixo transcritas, por palavras enigmáticas, para cuja compreensão exige-se, não apenas inteligência, mas, intuição:

10 de Fevereiro de 1935: — Desabrocha em Shamballah o Lóto das Mil Pátalas...

24 de Fevereiro de 1949: — Apoteóse de Luz para a Terra, com segunda manifestação idêntica à primeira. Excelso contacto com o «Avatara Aquarius» do começo do século XXI... Inauguração do Templo dedicado a todas as religiões do mundo e, conseqüentemente, à PAZ UNIVERSAL. Glorificação ao Culto de Melquisedeque. EXALTAÇÃO AO GRAAL.



A lápide acima, em marmore de carrara e em letras de ouro, se encontra no saguão de entrada do Templo que se vê ao lado.

QUINTA CONVENÇÃO DA SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, EM SÃO LOURENÇO

Como vem acontecendo todos os anos, desde 1949, isto é, desde a inauguração do Templo dedicado a todas as Religiões do Mundo, a Sociedade Teosófica Brasileira realizará este ano, em São Lourenço, Sul de Minas, a sua Quinta Convenção Anual. Estas convenções visam congregar, uma vez por ano, em São Lourenço, os inúmeros membros da S.T.B., espalhados pelo imenso território brasileiro.

Ao mesmo tempo que os convencionais, de todos os pontos do Brasil, se confraternizam e se retemperam naquela magnífica e saudável estância hidro-mineral, trocam pontos de vista e debatem questões teosóficas da mais alta espiritualidade.

O amigo leitor não deveria perder esta magnífica oportunidade de conhecer São Lourenço e de participar da 5.ª Convenção Anual da S.T.B., a se realizar de 21 a 28 de Fevereiro.

CONSELHOS ÚTEIS

TEOSOFIA E EUBIOSE (Conclusão do Cap. I)

LORENZO PAOLO DOMICIANI

A História política da Humanidade, no que diz respeito à Evolução do Direito e afirmação da Liberdade (tão torpemente espesinhada pelos governos ditatoriais...) refere-se, apenas, a um dos aspectos da alma humana: a VONTADE. Esta concerne tóda a Evolução Eubiótica, enquanto aquela formou o ambiente para a sua mais completa manifestação. A Liberdade, palavra que encerra a síntese da concepção eubiótica (mas tão mal compreendida por muita «gente»...), neste sentido, não é mais do que a possibilidade de manifestar-se, para a vontade, sem esmorecimento por parte de condições exógenas.

A Vontade, debaixo do aspecto ATIVIDADE, predomina na Indústria, embora que exija o concurso da Arte e da Ciência.

Porém, existem mais dois aspectos igualmente elevados de nossa Uno-Trina psíquis, lamentando não poder aqui recorrer à TRINDADE teológica, com o que, teria de alongar-me em estudos profundíssimos que, à primeira vista não poderiam ser compreendidos... Direi, apenas, que «a base das Virtudes, segundo Raimundo Lúlio, está nessa Tri-Una manifestação da Divindade — desde que se coloque no nível de semelhante Vontade, a Memória e o Entendimento». Não é isso desconhecer o fundo íntimo da verdade que deve, indubitavelmente, existir nessa antiga classificação, como pálido reflexo de outras mais antigas... Desde os cânticos do poeta Kalidasa, e os principais atributos que, segundo ele, constituem BRAHMÁ, a saber: PODER, SABEDORIA e AMOR (na razão de Onipotência, Onisciência e Onipresença), creio que estão definitivamente estabelecidos os verdadeiros componentes de nossa ALMA, pois que, o princípio PODER, que o poeta atribuiu a Brahmá, é, em nós, a Vontade, a mesma essência de nosso EU, como ser individualizado (não se deve esquecer que personalidade é uma coisa, e individualidade, bem outra: a primeira, per-sona ou pessoa, «aquilo através do qual o Espírito, como SOM, Hábito ou Vibração Divina, se manifesta»; e individualidade, essa mesma Manifestação Divina, no seu triplice sentido de Sabedoria, Vontade e Atividade, tal como na Música, Harmonia, Melodia e Ritmo, etc.); o princípio divino de AMOR se acha em nós, no aspecto afetivo ou emocional de nossa alma, em três graus: 1.º — instintos vitais, 2.º — emoções e paixões e 3.º — sentimento de Unidade com a Essência do Universo, base absoluta da FRATERNIDADE Humana, que a mais pura e diáfana Essência da Sociabilidade, como sua base fundamental, é a cooperação defensiva, conservadora ou ofensiva, pelo vínculo dos instintos.

Tudo quanto a Humanidade já fez, exigiu o concurso desses três fundamentais poderes da sua alma: Vontade, Mente e Emoção. As diferenças que existem entre as várias formas de humana atividade, são uma questão de predomínios ou proporções. Nas ciências políticas domina o princípio VONTADE, tratando de afirmar-se como domínio, por uma parte, e liberdade por outra; tódas as lutas políticas da Humanidade, com

a palavra, com a pena, com a espada, a maça ancestral ou os modernos aviões e tanques blindados, sem esquecer a bomba atômica, etc., com as cruzas de um Diogenes, ou a extrema finura de um diplomata moderno, não conduzem a outro resultado, nem outro motivo possuem... (1).

O predomínio da Mente engendrou a Ciência, porém, não se julgue que o homem de ciência, nem tão pouco o que se encerra nas investigações experimentais, esteja livre de emoções estéticas; ao contrário, o sábio torna uma emoção estética, até aquilo que para o vulgo não passa de repugnante e odioso. O patologista admira uma úlcera, que apresente caracteres bem definidos ou que confirme as suas previsões clínicas, com um sorriso beatífico, igual ao dos raros poetas que muito cedo se levantam para contemplar a saída do sol, e talvez até, que não haja prazer maior para o intelectual, do que aquele de geometrizar. Com os olhos semi-cerrados, em atitude de êxtase, o geômetra, como se fôra um Deus, povôa o Espaço de criações que não existem, e que são muito mais exatas que as coisas existentes; ao passo que a Biologia e a própria Física, só alcançam, em última análise, a leis aproximadas, o Geômetra se as encontra é, quase sempre, através de leis exatas; nada há de arbitrário ou caprichoso em suas criações, pois que constata os desenvolvimentos inesperados, com o gôso estético mais refinado. Aquêles que encontram um grande prazer em saborear um bom havana, um faisão trunfado, uma maionese de lagôsta, uma taça de champagne, ou em outras coisas que se costumava servir juntamente com aquelas... para os verdadeiros sábios, só podem causar desdenhosa compaixão...

Resta o terceiro aspecto da Alma humana, aspecto realmente hipostático, o mesmo que os demais, pois, a Alma é una, e aqui seriam aplicáveis, embora que com maior proveito, tódas as teológicas perquirições sobre a TRINDADE. E se digo, «com maior proveito», não por me mostrar desrespeitoso por doutrina alguma, senão, para a facilidade das comprovações em teorias sobre assuntos acessíveis de compreensão, enquanto que, no caso dos teólogos, o inacessível do mesmo assunto, tornam incompreensíveis as suas especulações, no antropomorfismo aperfeiçoado, que atribui ao Absoluto e Incognoscível, os atributos de nossa própria Alma, assim como tantos outros antropomorfismos mais primitivos, inventaram «um Deus à imagem do corpo humano» (embora que o seja em Essência). Esta triplice hipótese nada tem de misteriosa, muito menos de absurda, e não é de louvar a insistência com que os enciclopedistas e Meslier, fizeram «finca-pé» naquilo de que um é igual a três, repugnava a razão. Tódas as religiões desenvolveram uma ciência especial que algum dia virá a ser motivo para uma síntese mais atenciosa como respeitosa; então se poderá melhor compreender que as religiões se referem ao mais elevado aspecto de nossa natureza emocional, e como o Amor,, como o Instinto, a Inteligência, etc., tal aspecto, como devoção, digamos assim — necessita do ambiente evolucionar que

as religiões lhe proporcionam, para adquirir desenvolvimento, dos quais, bem pouco sabemos onde irão parar... mas que, através dos seus altos e baixos hão de acabar por contribuir para a integração perfeita da Alma humana...

O terceiro aspecto — o Emocional — do qual nos ocupamos neste momento — se inicia na assimilação, como base de todos os instintos, do mesmo que, a sensibilidade é a base de todos os sentidos: evolui, desenvolvendo os sentimentos e predominando na arte, para culminar no sentimento de unidade, de afinidade do indivíduo pelo TODO, que é o puro e profundo Amor místico de todas as religiões.

A EUBIOSE divide-se em nove secções principais, especializando-se no modo de conseguir o maior desenvolvimento de cada uma delas para que a alma humana receba todo o desenvolvimento de que é capaz, e desse modo, possa descobrir, outros tantos caminhos para a felicidade, pois, é este, enfim, o término de todos os esforços, para não dizer desde logo, a Méta final das coisas...

Sofre a Mente, sofre a Vontade, sofre a Emotividade, enquanto o objeto que as pode satisfazer, em vão é procurado.

Qualquer que seja o princípio necessitante, a realização é sempre felicidade.

A forma primordial da Vontade, Energia ou Impulso cego que se manifesta na energia nervosa, é, em realidade uma pré-vontade, porque a Vontade propriamente dita, é o segundo aspecto: a vontade auto-consciente, que é o núcleo do EU. E além dessa Vontade propriamente dita, que é o Eu subjetivo ao mundo — pelo duplo caminho da mente e do sentimento ou emotividade — há, entretanto, uma supra-vontade onde o Eu renuncia ao seu interesse, ou à afirmação de si mesmo, em virtude de motivos superiores, e que constituem, precisamente, a base psicológica da MORALIDADE.

Esta é a condição essencial de uma política, no bom sentido da palavra, isto é, a direção dos homens pelo fato de se pôr ao serviço dos seus elevados interesses, com renúncia (?) ou esquecimento de toda e qualquer espécie de egoísmo. Não desejo ocultar que seja este um conceito ideal da verdadeira política, que, como tantos outros de valor, SE ACHA NO PRESENTE MOMENTO DA HUMANIDADE, PROFUNDAMENTE SUBVERTIDO, para não dizer, anarquizado. Onde já termos apontado a maneira de governar, segundo a adotada por todos os Manús, como CHEFES ou guias espirituais da HUMANIDADE. Por tudo isso, e muito mais ainda, a necessidade da EUBIOSE.

Este EU, esta Vontade, tem a seu serviço para se manifestar e agir no externo e também para escolher do externo as suas impressões e experiências, dois grandes veículos, que são a Mente e o Sentimento. Paralelamente à triplíce gradação, que temos encontrado no domínio da Vontade, há também uma Pré-Consciência e uma Supra-Consciência, tanto para a Mente como para o Sentimento. A pré-consciência mental compreende o domínio das sensações; a supra-consciência mental, ou das Intuições (é o mesmo plano Budico da Teosofia, imediatamente acima do mental), que é a alma do conhecimento filosófico, por sua vez, cúspide banhada em luz, com relação às ciências empíricas, que formam o território onde a Mente propriamente dita, ou Inteligência, é senhora soberana. A

Consciência emotiva, onde têm seu centro, as paixões e as emoções, encontra-se, igualmente, precedida por uma pré-consciência emotiva e seguida por uma supra-consciência da mesma classe, uma compreendendo os instintos vitais, em cuja virtude se operam, desde o protoplasma às funções de nutrição, reprodução e defesa; ao passo que a outra inclui os sentimentos de devoção, adoração ao desconhecido, e origina o sentimento íntimo da UNIDADE DO SER REAL com todos e Tudo. O verdadeiro fim da religião é a solidariedade fundada, não apenas na defesa que se deseja para a luta pela vida, solidariedade de uns para resistir ou se sujeitar a outros, mas também, na razão da suprema moralidade que se encerra neste aforismo: «EU NÃO SOU MAIS DO QUE UM DOS TANTOS; cada um dos outros é outro EU», o que, desfeitas as pérfidas insinuações do egoísmo, é uma verdade inconcussa.

Com profundo pesar somos obrigados a tratar, de modo sintético, de um assunto que daria para escrever uma grande obra, mas, de acordo com a aridez desse mesmo assunto, nem todos seriam capazes de fazer a sua leitura, quanto mais de ter uma nítida e perfeita compreensão do seu sentido, ainda um tanto obscuro para certas inteligências.

Em todo o caso, por mais lacônica que tenha sido esta parte de tão modesto trabalho, que será lido por outras inteligências maiores, basta, cremos nós — para pôr em evidência, que a EUBIOSE não é um amontoado informe de ciências ou de conhecimentos tomados em todas elas, nem tão pouco, um simples sistema de classificação, mas sim, uma orientação especial de cada uma delas, com um fim perfeitamente definido, que depende, diretamente, de nosso sistema psicológico. Cada faculdade predomina em uma ordem especial de atividades, e estas devem ser eubióticamente encausadas para assegurar o melhor funcionamento daquelas, seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, garantindo — além disso, como consequência do seu legítimo uso científico e racional, uma benéfica reação de felicidade.

Alguns exemplos — e poucos para não prolongar ainda mais o estudo — servirão para ilustrar o assunto:

O segundo aspecto da Vontade, desenvolve-se e educa-se pelo trabalho em todas as suas formas, sempre que sejam eubióticas; requer o concurso, principalmente, do primeiro aspecto — a força cega — e também do primeiro e segundo aspectos mentais, a saber: os sentidos e a inteligência. Porém, nem todo trabalho é eublótico; o que desperdiça as faculdades, em vez de desenvolvê-las; o que esgota as forças além do reparável, o que não deixa uma sensação de prazer ou de felicidade, não é um trabalho eubiótico, mas, disbiótico; isto é, contrário à vida, da qual não podemos dispôr, como muitos julgam, ao nosso talento, se todos temos uma missão a cumprir na vida, do maior ao menor (donde: messe, missão, mas também, messias no sentido puramente eublótico, ou justamente da «missão» que — por força de Karma — lhe coube na vida...) alguns, até, de fazer o mundo sofrer com o seu desaparecimento, já que nos não assiste, em um trabalho tão insignificante, citar coisas que jamais seriam compreendidas, a não ser por aqueles a quem mais apreciaria a leitura de nosso humilde trabalho. Com outras palavras, só pode avaliar a perda de alguém ou de alguma coisa, quem estreitamente ao mesmo se ache ligado...

A Instrução refere-se à Inteligência. E a Educação, à Emotividade. Que grande reforma exigem, entretanto, todos os seus evidentes progressos, tanto a Instrução como a Educação, para o aperfeiçoamento dos seus «Educandos», afim de que os mesmos sejam felizes! **Uma Instrução que cansa, uma educação que oprime, não é eubiótica.** Ademais, deve-se pôr a educação em condições de «cada um continuar a fazer o seu próprio aperfeiçoamento, mesmo depois de ter abandonado a tutela de seus mestres. De nada vale uma didática que não inclua seu esforço tornando auto-didáticos aos educandos (os Teósofos são mais que auto-didáticos, por serem «Teo-didáticos»...); que não lhes ensine, também, a que, em sua obra de aperfeiçoamento próprio, «não devem perder de vista a felicidade», pois esta, para aquêle que não se acha anormalmente excitado ou deprimido, dá a medida justa do que é conveniente e legítimo; e que, reciprocamente, na conquista da felicidade, não esqueçam o melhoramento que sempre fica sacrificado disbioticamente quando se buscam falsas felicidades: a da preguiça, avareza, orgulho, vaidade, e muito pior, o EGOISMO.

O pedagogo que inventou a máxima «Ensinar deitando», estava inspirado por uma tendência francamente eubiótica, embora que, de uma Eubiose empírica e, portanto, defeituosa. Esqueceu-se êle de juntar: deitando e melhorando ao discípulo, pois, que se tais deleites fôrem mórbidos, como por exemplo, os dos ensinamentos obscenos, ou de anedotas e outras coisas mais do mesmo gênero (não falemos das tais leituras encontradas por tôda a parte, inclusive nas bancas de jornais, o que é uma vergonha para os nossos foros de País civilizado...), tão ao gôsto e paladar de muita gente, inclusive de idade avançada, e que nada têm de aperfeiçoamento, e sim, degradação do caráter, faltarlhe-ia, portanto, duas das condições, *sine qua non*, que limitam e definem, com exatidão, um critério eubiótico, e que são, como ficou dito, **Perfeição e Felicidade.**

Para terminar: estudemos — debaixo das suas melhores faces — porque outra coisa não é possível, dois dos aspectos mais úteis e interessantes da ciência: a Medicina e a Higiêne, do ponto de vista da orientação que lhes imprimiria um critério eubiótico.

A Eubiose em Medicina, trará uma reforma radical nos métodos terapêuticos, os quais alcançarão um fim mais profundo, que a supressão dos sintomas patológicos, antes de se dar como curado a um doente. A Medicina Eubiótica deverá ter em conta «o estado de infecção latente e suas consequências para o individuo e a espécie», consequências estas, que nem sempre são fáceis de seguir e comprovar, no domínio dos fatos, porém, cuja investigação será simplificada, uma vez que a lógica (hoje tão rara na prática geral das coisas...) tenha apontado o seu «roteiro».

Quando os sintomas visíveis cessarem, quando os modificadores terapêuticos produziram a ação desejada, **apagado o fogo da febre, normalizada as funções mais grosseiras, ou sejam, as conhecidas da Medicina** — ao invés do médico afirmar «que o doente está clinicamente curado» — guiando-se pela **Medicina Eubiótica**, procurará, entretanto, investigar se o individuo está em condições favoráveis ou desfavoráveis para o futuro, e seguirá a linha hipotética, embora, da sua exis-

tência, com sábia previsão, até nas células germinais, que desse corpo despreendida, irão engendrar novos seres, herdeiros de condições propícias ou infaustas, vítimas da lei atrás, que tão odiosa nos parece, quando a encontramos nos primitivos **Legisladores religiosos** (ou encontros **Manús** a que já nos referimos em outros lugares) e, no entanto, quase sempre inapelável nos domínios da triste realidade: a lei de herança castigando aos inocentes (a parte a questão do Karma patológico que escolhe determinada família para quem nela deve encarnar, etc., coisa que a ciência oficial não reconhece, e até, as religiões ocidentais...) por muitas gerações (não esquecer que esse mal já provém da «queda atlante»...). E se a Medicina se encontra hoje diante de males incuráveis, se a **Higiêne (ou Saúde) Pública**, em suas disposições sanitárias se torna impotente (muitas vezes chegando ao ponto de enganar o povo...) mesmo quando ditando medidas bem inspiradas, tal coisa se deve ao fato de, «não se tendo podido ou sabido agir sobre as causas, efeitos há que se manifestam com irreprimível fatalidade. A força de remédios terapêuticos, que viciam os humores (pois que **CURAR** não é abusar dos medicamentos...), alterando a reativação dos organismos (como podem fazer a vacina BCG, os anti-bióticos tão em voga, «verdadeiras espadas de dois gumes», sem falar numa **CORTISONA**, um **ACTH** e outros perigosos «documentos», que atestam o fim de um ciclo apodrecido e gasto...). E isso, digamos, perpetuado durante alguns séculos, criamos uma humanidade artificial, inteiramente deslocada do ambiente cósmico em que nasceu e se fez seu elemento; humanidade que se firma de pé, enquanto não sobrevier uma causa, seja qual fôr... que queira expôr à uma prova, a sua fortaleza, pois que um simples surto epidêmico é bastante para fazê-la cair, com tanta facilidade, como uma fileira de dados de dominó, ou mesmo de soldados de chumbo, quando impulsionada pelo primeiro. Que dizer de coisas mais sérias?!...

Caso interessante de infecção latente, que vamos citar, o de um cavaleiro que, na sua mocidade **contraiu uma doença infecciosa**, e que depois de ter corrido vários médicos, conseguiu jugular (naquele tempo não havia a **sulfa**, nas suas várias modalidades, nem a penicilina, etc.). Depois de **quatorze anos** — a conselho de um amigo, e por estar passando mal, recorreu aos meus cuidados. Devo dizer que êle nem de leve suspeitava que seus atuais sofrimentos se relacionassem com o mal que o afligira há tantos anos. Manifestei-lhe as **minhas teorias sobre «infecção latente»** e a grande probabilidade que havia da repetição dos antigos sintomas, sob a ação de uma vida natural, que viesse despertar os meios de defesa. O meu cliente ficou um tanto desconcertado, porque seu recente matrimônio lhe fazia temer uma situação um tanto duvidosa... dado o caso que a minha teoria fôsse verdadeira. Dei-lhe a respeito as devidas instruções, encorajando-o a esperar com paciência os resultados, que seriam infalíveis. Passado apenas uma semana, a antiga infecção havia reaparecido, e foi então, obrigado a curar-se real e efetivamente, o que não havia acontecido quatorze anos antes. Algo assim, como quem esqueceu de uma conta atirada no fundo da mala, e finalmente, aparece o velho credor que a vem cobrar (2).

Um pouco de teoria sobre o caso: Nem os banhos que eu receitei, nem o conselho da alimentação frugi-

vora, que aconselhei, poderiam ser responsáveis pelo fenômeno da volta da doença primitiva (reinfecção, digamos assim). Muito mais se se levar para o lado específico dos virus patogênicos; repito, por nenhum dos processos postos em prática, poderia o doente readquirir «os micróbios» de seu mal. Inútil dizer, também, que tínhamos plena certeza do doente não ter concorrido para um novo contágio. Já foi dito antes, a principal das razões... Como, pois, explicar a permanência dos micróbios em estado inofensivo durante quatorze anos, isto é, sem destruírem nem serem destruídos? E como explicar, ainda, que justamente ao melhorar seu estado geral, se renovasse «o ataque infeccioso», quando, ao contrário, devia se dar o refêrço das defesas orgânicas? Não existem, pois, senão dois caminhos a seguir: o ter de renunciar a explicação do fenômeno — que está muito longe de ser o primeiro — ou se sujeitar à antiga teoria dos humores pecantes, que o organismo tolerou enquanto não teve forças suficientes para expulsá-los, deixando de os tolerar, quando readquiriu tôdas as suas energias perdidas. Em tal caso, os micróbios eram o efeito e não a causa da enfermidade (3). Tais humores desprendidos e conduzidos às suas vias de eliminação, graças à intensificação da vitalidade, deram origem aos micróbios, POR UMA SÍNTESE BIOLÓGICA. E isto se confirma, porque tendo, por diversas vezes se sujeitado a exames nesse sentido, todos eles foram negativos. Ademais era impossível a permanência de tais micróbios em estado latente durante quatorze anos. Em virtude da lei de assimilação funcional, tão maravilhosamente descrita por Le Dantec, teriam eles que devorar ou serem devorados, quando não fôssem infecciosos deveriam ter sido nutritivos; o protoplasma celular, com certeza os destruiu. Como explicar, pois, o reaparecimento? Com a antiga teoria microbiana, tal fato incontestável, teria sido um mistério. Por felicidade, a moderna biologia encaminhada pelas fecundíssimas diretrizes da Plasmogenia acabou admitindo a criação dos organismos primordiais por geração espontânea. Não faz muito, uma afirmação idêntica foi feita, como anti-científica, por ser contrária aos dogmas derivados das clássicas experiências de Pasteur. Hoje, não só, foram elas obtidas, do mesmo modo que derribadas — por completo — as fronteiras entre a química orgânica e a inorgânica — citações inteiramente semelhantes a quanto se cria, continuamente, nos abismos do oceano, mediante simples reações de laboratório: do mesmo modo que, células artificiais, que envolvidas em um meio nutritivo apropriado, crescem e se reproduzem por segmentação: senão, ainda, quando os já citados irmãos Mary, trabalhando com tuberculina isenta de bacilos, mediante processos que não interessa apontar, para não nos internarmos profundamente no árido deserto da técnica, obtiveram em caldo de gelatina, verdadeiras culturas de «bacilo de Koch», que apenas diferem dos encontrados em certos escarros de tuberculosos, sem que essas pequeninas diferenças possam ser contrárias à sua natureza, pois, maior não é, por exemplo, a que existe entre o bacilo tuberculoso do gado vacum e o das aves. Tais pesquisas de laboratório, que cada biologista pode reproduzir para se convencer por si mesmo, desde que seus autores não fazem disso mistério, quer dos ingredientes empregados, quer dos processos. Tudo isso e muito mais, ainda, vem confirmar a interpretação que dei a um dos meus casos de «infeção latente». Digo mesmo que, há muito maior número de doentes dessa natureza, do que se possa ima-

ginar; para não levar o fenômeno para o lado ocultista, onde teríamos muito, muitíssimo que expôr. E quando, ainda, teríamos que dizer que «todo ser humano infectado já o era, desde tempos imemoriais» (mais uma vez em cena a queda da Atlântida...) a parte o precioso processo, mais do que EUBIÓTICO, empregado pelos deuses que lhe deram a vida».

No caso antes citado, o organismo reconstituiu os micróbios, como os irmãos Mary criaram os seus bacilos de Koch, pois, com efeito, os micróbios podem infeccionar, justamente por êles mesmos provirem de fôcos infectados, por isso que, «efeito e não causa», da referida infecção.

Quantos enigmas clínicos não serão aclarados à luz dessas novas concepções? Poder-se-ia chamar ao fenômeno, de: a volta do organismo ao seu estado primitivo, antes, dito, ao equilíbrio que lhe era inerente, tal como ao mundo acontecerá quando, por sua vez, fôr igual aos processos cósmicos da sua criação.

O ignorado mecanismo de certas metástases observados pela medicina popular (inclusive a do CANCER...), será posto de lado? O futuro o dirá... antes cedo, talvez, do que tarde.

Em resumo o que desejamos provar, é o seguinte:

Qual é o estado desse organismo onde vive adormecida uma infecção latente? E' são ou doentio? Não há existência alguma capaz de deixar de originar consequências, sejam elas quais fôrem. O que não dá origem à coisa alguma, é porque não existe. Se a infecção pode manifestar-se depois de quatorze anos, é porque durante todo esse tempo existiu. Se existiu, não é possível que não tivesse dado origem seja ao que fôsse. Efeito, portanto, para a referida CAUSA. E os efeitos que, indiscutivelmente, originou, devem — não menos indiscutivelmente, ter modificado a atividade vital de algum modo. E como não é possível a qualquer fator mórbido modificar a atividade vital, favoravelmente logo: desfavoravelmente deveria ter sido essa modificação.

Do ponto de vista de sua própria vida e a obra que nela o doente colaborou; do mesmo modo, a herança, a resistência, etc., a vida do doente terá sido, indubitavelmente, distinta do que deveria ser se tão antiga infecção tivesse sido, de fato, curada na sua primeira crise ou manifestação.

Suponhamos um relógio que, sendo hoje sacudido algumas vezes, sofre outro pouco amanhã, vá andando, mas, com frequência pára, atrasa, etc. por estar empoeirado, ou conter um ligeiro «cisco» em sua engrenagem; em vez de manter a sua marcha irregular por meio de tais processos, muito melhor seria limpá-lo de uma vez, isto é, ter sido feita tal coisa desde que êle começou a apresentar semelhantes irregularidades.

Na mesma razão, a maioria dos processos terapêuticos de que lança mão a atual Medicina — processos que ela é a primeira a desconhecer, além da toxidez dos medicamentos, se é que também se pode orgulhar de conhecer o organismo humano... Que o digam Paracelso, Van Helmont, Agrippa e outros mais...

Uma Medicina eubiótica não se limitará, jamais a dar alta a um doente, pelo fato de ter suprimido as manifestações anormais visíveis, sem se preocupar se algo continuou invisível ou em estado latente para ser destruído, ou antes, devidamente corrigido. A Medicina oficial, além do mais, seus próprios processos concorrem — principalmente no que diz respeito a Hormo e a Opoterapia — para sérios distúrbios orgânicos. Ninguém ignora que certos animais possuem um suco gástrico capaz de digerir seja o que fôr (o avestruz, por exemplo) mas ignora, entretanto, que semelhante suco gástrico depositado no estômago humano se degenêra (principalmente num doente do aparelho gastro-intestinal, sujeito, portanto, a fermentações e putrefações), ou mesmo que funcionasse como no do animal donde procede, de modo algum obrigaria ao estômago humano a ter a mesma função, depois que deixasse de fazer uso dêle... Tal coisa é idêntica a um maquinismo estragado, ao qual se quizesse obrigar — por meios ou processos estranhos, artificiais, portanto, a ficar novo ou como era anteriormente. E ninguém poderá dizer que tais processos sejam naturais, pelo fato do suco gástrico do animal tal ou qual, ser aplicado no estômago humano, que, como se sabe, é um dos órgãos mais importantes do corpo de qualquer sêr vivo.

Todo processo que não seja natural, demonstra ignorância em matéria Natureza, seja aquela que nos envolve ou onde vivemos em seu seio, seja em o nosso próprio. Um cão, um gato, uma lebre, uma cobaia, etc. vivem dentro dessa mesma Natureza, mas a sua jamais poderia ser igual à humana! Falam bem alto os dois reinos a que ambos pertencem — o animal e o hominal, a parte certas objeções que já procedem do início das coisas, mas que seriam destruídos pela marcha evolucionar dos sêres: o que ficou para trás não mais pode ser igual a que hoje se processa, muito menos, com o de amanhã... Haja vista, a reprodução que no comêço (em plena raça lemuriana) teve lugar entre o homem daquela época, e certo animal parecido com a lontra, do qual surgiu o que ainda hoje se conhece pelo nome de «antropóides», o que, de certo modo, vem contrariar a teoria de Darwin, pois, «é o simio que desce do homem, e não este daquêle». Para isso teríamos que fazer um estudo mais aprofundado, inclusive em matéria de Teosofia, no que diz respeito ao número de «espiríulas de um sêr daquela época para o de hoje». Experiências feitas, por exemplo, nesse sentido, por certos cientistas russos, deram em fracasso...

Querem, pois, que o estômago funcione melhor pelo fato de estar sendo tratado com o suco gástrico de uma cobaia, ou outro qualquer animal, é o mesmo que se quer fortificar os músculos, obrigando a um «mico» que faça por nós a ginástica que nos foi prescrita...

Em resumo, uma higiene eubiótica deixará no esquecimento aquela falsíssima teoria de que, «o organismo é o terreno e os micróbios, as sementes». Sim, porque, o terreno sendo puramente passivo, não pode realizar esforço algum deliberado para se opôr à germinação de tais sementes, ou sejam aquelas que no mesmo tenham encontrado a **humidade** e outras condições favoráveis ao seu crescimento. Do mesmo modo, todo organismo, tôda matéria viva, desde as granulações proto-plasmáticas, dispõe de maravilhosos proces-

so auto-defensivos. E logo porque os micróbios (que não são para o organismo mais do que um dos muitos casos de intoxicação entre outras tantas intoxicações: químicas, fisiológicas e até psíquicas, inclusive as de choques morais, excesso de trabalho, mesmo que de ordem mental, etc.), tão pouco podem ser comparados a sementes, pois que isso daria a idéia da enfermidade como um sêr, uma entidade externa (com certas restrições que não desejamos descrever ou comentar...), uma espécie de demônio obsessivo, como aquêles a que se atribuíam à epilepsia (repetimos, a-parte a questão dos devatas a que já nos deferimos na anotação 3 da Conclusão deste trabalho), o histerismo, a demência, a dansa de S. Guido (ou «coréia») e outras mais enfermidades, na Idade Média, com o beneplácido dos Doutores em Teologia, e dos médicos, quando, em realidade, a doença consiste em perturbações funcionais ou em lesões orgânicas, qualquer que seja a sua etiologia, e não, tendo existência fóra do organismo, do ponto de vista que se julga, sem que isso signifique a impossibilidade de transmissão ou transplantação, como o demonstra o próprio contágio, quase sempre, mais psíquico do que físico... Não há contágio de idéias, que se possa atribuir a micróbios; contágio de sentimentos e de estados de ânimo, cujo micróbio, tão pouco, tivesse aparecido no campo do microscópio; no entanto, até o bocejar é contagioso, sem que ninguém o tenha atribuído a um **micro-organismo**... Boceja-se, também, ao fazer a leitura de um estudo como este, principalmente os de inteligência mais consentânea com «literaturas de outra natureza». Muito mais, ainda se ao invés da leitura, fôsse uma conferência...

O fenômeno do contágio por elementos patogênicos, tirados de um fóco infeccioso para um «terreno são», ou pelo menos, até então isento dêles, não é tão pouco uma prova concludente de que os micróbios se comportem ou ajam como sementes, mesmo que se tenham produzido infecções experimentais com caldo de cultura isenta de micróbios; desafiemos a qualquer agricultor a obter trigo com seu caldo, sem semear os mesmos grãos. O caldo da cultura diftérica, com micróbios ou sem êles, determina exatamente as mesmas lesões.

Mais parecido com a realidade, o de se comparar a ação dos micróbios com o môfo, que se forma em uma parêde húmida, que ainda não o possuía, porém, em troca, de nenhum modo fará aparecer humidade em uma parêde sêca, para onde se os transplantar, pois, ao contrário, sêca ficará ela do mesmo modo. E tal comparação ou exemplo, tem o mérito de dar uma idéia clara, ao alcance de todos, sôbre os fenômenos da **natural imunidade**. Aquêle que é capaz de contagiar-se, já é um enfêrmo; tal como a parêde onde surge o môfo, pode aparecer — pela humidade — o musgo, a éra, etc. e não são estes que a fazem húmida.

E assim, como tôda parêde húmida denota um **defeito de construção**, bastando não se construir tais parêdes para evitar a proliferação dos musgos, da éra, do próprio môfo, que nas mesmas se criam, assim também, a **regeneração da Humanidade**, do ponto de vista do seu vigor geral e da integridade do seu fisiologismo **nutritivo e defensivo**, fará desaparecer os micróbios patogê-

nicos, ou, pelo menos, não lhes permitirá que sejam de tal natureza, isto é, favoráveis a tais micróbios.

Do ponto de vista ocultista ou teosófico, basta a modificação dos caracteres, que tanto vale pela moral, para que os mais do que terríveis micróbios do front **contrário**, ou que germinam à sombra da LUA, sejam de todo destruídos... **Honni soit qui mal y pense.**

Desse modo, trabalhem todos para que tal aconteça: médicos, sacerdotes, advogados, engenheiros, sábios de todos os ramos da Ciência profana, mas também, da Divina. E muito especialmente, jornalistas e homens de letras; operários, também, pobres, humildes, seja quem fôr, contanto que concorrendo para a **EUBIÓTICA ESPIRITUALIDADE DE TODOS OS SÊRES DA TERRA.**

Ao darmos como terminado este trabalho, não podemos deixar de prestar Homenagens aos grandes vultos da propaganda a favor da EUBIOSE, como meio de unificação dos homens pelo maior de todos os Ideais, que é o da FRATERNIDADE. Filosoficamente falando, chama-se a isto, **VIVER A VIDA UNA.** Dentre, semelhantes **HOMENS**, figura o Dr. J. Carbonell, como autor de vultoso número de obras científicas, filosóficas, artísticas, etc. etc. O Dr. J. Carbonell coloca Beethoven acima de todos os compositores musicais. E tal como o Dr. Roso de Luna, de saudosa memória, chama-o de «Cristo», mas isso no sentido profundo desse termo, que quer dizer: **ILUMINADO.** Todas as suas composições musicais (de Beethoven) servem de motivo para interpretações iniciáticas de imenso valor. O mesmo faz com as de Wagner, Bach, etc. Trata-se, pois, de um grande gênio, ao mesmo tempo, que um Missionário do Bem na face da Terra. A seguir, vem o nome do saudoso Comandante Astorga, que, por ser um abnegado, fez-se vítima da sua inabalável teoria, de que, pelo Naturismo estava imunizado contra todas as doenças, inclusive a tuberculose», que, atualmente vem ceifando vultoso número de pessoas no mundo, principalmente em certos lugares, como em S. Paulo, Rio, etc., onde o clima, os excessos corporais, os vícios, etc., por que não dizer, o próprio Karma patológico da Humanidade, neste «Fim de ciclo apodrecido e gasto»... se manifesta de modo tão doloroso, mas que, fôram os próprios homens (por se terem afastado das leis naturais das coisas...) que, para si mesmos, arranjaram. Desse modo, o Comandante Astorga «inoculou no seu preciosíssimo organismo o bacilo de Koch, e dentro de pouco tempo a moléstia se declarava... Nas proximidades de morrer, chamou êle os seus discípulos e maiores amigos, para dizer «que tendo errado, só lhe cabia agora demonstrar que não tinha medo da morte, por isso mesmo, desejava tê-los a seu lado para que aprendessem a mesma coisa», isto é, «a não temerem a morte».

Mais uma vez, dizemos nós, ficava provada a nossa tese «das quatro espécies de temperamentos, com todo o seu cortêjo de intolerâncias e idiosincrasias, na anarquia ou «confusão» patológica provocada pela catástrofe atlântica, pois, como foi dito noutra parte deste

mesmo estudo, «concorreu para o desvio da Terra, 23º de seu eixo primitivo». Catástrofe idêntica, estão os homens, desprezados... **provocando** com as guerras repetidas, e onde são empregados meios de destruição, que ao próprio Globo terrestre afétam, a ponto de tomarmos parte nos grandes horrores que o mesmo está padecendo. E isto porque, «a Terra é um sêr vivo» como procura provar na sua obra **OS MISTÉRIOS DO SEXO**, o Prof. Henrique J. de Souza, Presidente cultural e espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira. E tal não fôsse, dizemos nós, «não poderia ela (Terra), alimentar os sêres e tudo mais quanto na mesma habitam».

Mas falta apontar, ainda, dois nomes de grande valor entre «os catedráticos da EUBIOSE, em todos os seus magníficos setores. Um deles, é o famoso Teósofo e cientista espanhol Dr. Eduardo Alfonso — em cujos braços morreu o grande gênio de nosso século — o Dr. Mario Roso de Luna, como um dos seus maiores amigos. O Dr. Eduardo Alfonso é um grande Mestre na Fisioterapia, na Arqueologia, e até no que diz respeito à Música, de todas elas possuindo obras importantíssimas, que figuram nas principais Livrarias, principalmente na América Latina. A Sociedade Teosófica Brasileira tem a satisfação de ver seu nome figurando nas suas fileiras «como Membro de Honra». Onde quer que o mesmo se encontre não esquece de enviar palavras de amizade e respeito ao Presidente da referida Instituição, do mesmo modo que a todos os que seguem fielmente os seus passos. Muito mais, por saber que «Roso de Luna foi o Arauto da chamada Missão da Sétima sub-raça». E que tinha seu Chefe — também — como «um dos seus maiores amigos nesta parte do Globo». O Dr. Eduardo Alfonso, que vive em giros constantes (como fazia Roso de Luna) por todo o continente Americano, não faz muito tempo esteve tanto na capital da República, como aqui mesmo em S. Paulo, realizando belíssimas conferências sobre todos esses assuntos, sem esquecer a Teosofia, da qual é fervoroso Adepto.

Finalmente, o outro é um nome que inclui muitos outros **NOMES**, por suas várias Missões na Terra, seja como realizador de curas assombrosas, em Jemeppe sur Meuse, na Bélgica; outras vezes, como escritor maravilhoso sobre todos os assuntos **imagináveis e inimagináveis**, digamos assim. Foi e continua sendo um **FÓCO DE LUZ** para todos aqueles que quiserem ouvir a sua Palavra de Amor, Sabedoria e Justiça a favor de todos os sêres da Terra. De todos os seus **NOMES**, o que serve de Síntese à famosa constelação de tão alta **INDIVIDUALIDADE**, é simplesmente «Dr. Maurus» que faz lembrar o de Mario, mas também, de MORIA. E por que não dizer, que, de semelhante **CRIATURA** transcende o embriagante perfume das **Bibliotecas subterrâneas do Mundo Jina** ou de **DUAT!** Honra ao **Gênio!** Honra ao **INTEMERATO!**

Tudo pela Sinarquia. Nada pela Anarquia.

FINIS

(1) Nos Versos de Otro, de Pitágoras, encontra-se a seguinte estrofe:

O número TRÊS reina por toda parte
E a Mônada é o seu princípio»
De fato, a Mônada é a síntese da própria Evolução Huma-

na, pois representa a Consciência em cada Homem (**Atmá, Budhi e Manas**). E esta, por sua vez, o valor em latência, na própria Divindade. A Igreja reconhece na mesma uma Tríplice Manifestação, como Pai, Filho e Espírito Santo (que equivale, também, à Mãe). Da mesma maneira, pois, que «Deus fez o Homem à sua semelhança», este não tem apenas corpo e Alma, como querem algumas religiões, contrariando a sua Teologia, e sim, três corpos: o físico, a alma e o espírito. Plutarco já afirmava, que, «enquanto o Homem vive na Terra, seu corpo à Ela se acha ligado; a Alma à Lua, e o Espírito, ao Sol». Nenhuma filosofia mais completa do que esta. ... As escrituras orientais, falam nas Três Gunas ou qualidades de matéria: **SATTVA, RAJAS e TAMAS**. E suas côres, das quais aquelas escrituras não falam, são as mesmas 3 côres matrizes, das quais, as outras quatro se derivam: **AMARELO, AZUL e VERMELHO**. Alegoricamente falando, temos aí os **Três Princípios superiores** (a própria Mônada), e os **quatro inferiores**, estes, como as **quatro patas do Cavalo branco** (ou **Kalki-avatara**), cavalgado pelo **Guerreiro Akdorge**, de cujo simbolismo, por sua vez, nasceu a lenda de **S. Jorge**. Na mitologia grega, «Perseu salva Andrômeda, na porta do seu Palácio, no momento em que ia ser devorada pelo «monstro», isto é, o **Dragão Infernal**», colocado, justamente, por baixo das referidas **quatro patas do «cavalo branco»**. Cabalisticamente falando, tal mistério se expressa do seguinte modo: \triangle Vemos aí o **CARRO** (arcano VII, ou 3 mais 4), também chamado de **MERCABAHA**. Note-se que, semelhante figura equivale ainda à **Morada do homem**, ou: o frontispício da casa (4), com o telhado de duas águas, com cuja base equivalendo a 3, forma o número 7.

E tudo isso, corroborando com a forma **TRINA** de **GOVERNO**, a que se refere o texto deste estudo, nesse caso, um **TRIUNVIRATO** composto por: um civil (coluna central) e dois militares (**Exército e Marinha**, como **Colunas laterais**). E isto, já se vê, até o dia em que os homens não mais pensarem em guerras, pois que, ninguém pode admitir que «Deus, como Criador», tivesse criado um mundo e os seres que nele habitam para os destruir logo em seguida». Acontece, porém, que o exemplo em sentido contrário, devia ser persistentemente mantido (haja vista todos os Iluminados que a este mundo têm vindo, não pregarem, simão, as sábias doutrinas de Amor e Inteligência) pelas religiões, os filósofos, os homens de letras, todos quantos, a bem dizer, segundo a própria **Evolução humana**, se encontram à vanguarda dos demais. E não, «benzendo-se exércitos, espadas e outras coisas mais», como contradição palmar ao que foi pregado pelo próprio Cristo e demais Iluminados.

Quanto à escolha dos nomes para o referido **TRIUNVIRATO**, jamais deveria ser através de «partidos políticos», cada qual escolhendo seus «interessados», e nunca, absolutamente, os da **Vontade do Povo**, do que resultam revoltas tremendas, com os consecutivos crimes de morte, de invasão de lares e outros desmandos que ninguém pode contestar que não seja «o lastro pernicioso de um Fim de ciclo apodrecido e gastado», além de muitos outros que avassalam o mundo. Daí, também, as ideologias bastardas, pois que, nenhuma delas resolve o magno problema da **Felicidade Humana**, muito menos, as de índole puramente **materialista**...

A **Sociedade Teosófica Brasileira**, no seu glorioso afã a favor de uma **ERA NOVA** portadora de **FELICIDADE PARA O MUNDO**, foi a primeira ou única, que lançou ao mundo, o seguinte slogan: **Um só idioma. Um só padrão monetário. UMA FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA**. Utopia, dirão muitos. Utopia, sim, como foram outras inclusive as da aviação, do para-raios, e de tudo mais quanto faz parte das ciências, mas também, no campo social e político, as reformas de que falam a própria História.

Assim também pensava o «santo Papa», que nós mesmos o consideramos como tal, ou seja **Pio X** (**Lourenço Sarto**), que, na **Conflagração de 1914**, lançou uma encíclica aos **Chefes de todas as religiões e facções do Nêo-Espiritualismo**, para que implorassem ao **DEUS ÚNICO DE TODAS** elas, que fizesse cessar a guerra». E isto, «depois de ter apelado para os próprios contendores». O fato de seu apêlo não ter sido atendido, fê-lo lançar — numa espécie de **Protesto**, digno do **Chefe da Igreja Romana** — nova Encíclica, dizendo que, «em vista do mesmo não ter sido atendido. Ele — como se fôra o próprio Cristo, com seus apóstolos (os cardeais), iriam imediatamente para o front, afim de morrerem pelos homens». E... **trágica coincidência**, o mesmo morria um dia depois, ninguém sabe

como... um «traumatismo moral»... talvez. Com este, sim, que se poderia dizer: «Que santo perdeu o mundo!...». A revista **Dhâranâ** — como órgão oficial da **Sociedade Teosófica Brasileira**, em seu número 110, teve ocasião de lhe prestar as merecidíssimas Homenagens, além de ilustrá-las com a sua veneranda Figura.

O maior mistério que envolve a **Evolução humana**, está no seu **GOVERNO OCULTO**, que bem poucos O conhecem. E a maioria — agora mesmo — com as nossas palavras, irá negá-lo. Mas isso para quem está investido de falar a respeito, não pode ligar importância alguma à semelhante crítica. O mesmo Presidente cultural e espiritual da **S.T.B.** já o fez de modo ostensivo, seja através da supracitada revista, seja em artigos e livros seus, com palavras mais que suasórias. Dentre elas, comentando a obra de **René Guénon**, **O Rei do Mundo** — com justa razão reputada como uma das mais importantes a respeito. Ele mesmo (**René Guénon**), nessa sua obra, comenta outros dois ilustres escritores, ou sejam **Saint-Yves d'Alveydre**, e **Ferdinand Ossendowski** (A obra deste último, **Bêtes, Hommes et Dieux**, foi publicada em diversas línguas, inclusive, na portuguesa) que falam de **Agartha**, etc.

E é assim que, semelhante **GOVERNO OCULTO DO MUNDO** — possuindo em mão os **Dois Poderes** — o **Temporal e o Espiritual** («Daí a Cesar o que é de Cesar. E a Deus, o que é de Deus», disse o mesmo Jesus, numa dupla interpretação, que só agora apontamos a segunda, ou seja, em referência ao referido **GOVERNO**), compõe-se de um **Ternário**, como se fôra a própria Manifestação perene da **Divindade** «no **Sanctum-Sanctorum** da Mãe Terra (**Mater-Rhea**, matéria, etc... Isto é, **Espírito e Matéria** através do iniciático e precioso símbolo:



O mesmo Jesus é crucificado entre **Dois Ladrões** como se fôsem suas próprias **Colunas**. As «**Colunas do Templo de Salomão**, até hoje adotadas pela **Maçonaria**, ou **JAKIM e BOHAZ** (nas escrituras vedantinas os dois caminhos laterais — **Jnana**, o **Conhecimento**. E **Bhakti**, **Amor**, **devoção**, etc. para **Karma**, o do meio ou central, que é aquele por onde palmilha a **Humanidade**. Razão de, por esta ter morrido, o mesmo Jesus) Não se deve esquecer que «Jesus nasceu em **Belém**, para morrer em **Jerusalém**. Sempre as mesmas duas iniciais!!! E quem o batiza, no **RIO JORDÃO**, chamava-se **João Batista**. A **Maçonaria** de hoje está longe de saber, que o rito do **ADONHIRAMITA**, dedicado a **João Batista**, oculta grandes **Mistérios**, que... não podem ser ditos de público (Vide **Ocultismo e Teosofia**, de **H. J. Souza**). E quanto à **Degolação de João Batista**, basta apontar os nomes: **João**, **Herodes** (e **Herodiades**), e **Salomé**, para transparecerem as 3 iniciais: **JHS**.

Teríamos muito, muitíssimo para dizer e provar sobre a existência do referido **Governo**.... Diremos apenas que, respondendo à qualquer pergunta que nos quizessem fazer, principalmente, «a razão pela qual o referido **Governo** não intervém nas coisas do mundo, inclusive, nas guerras, nos governos, etc.? Se assim fôra, a própria evolução não poderia ser feita. Seria o mesmo que, «dar doces e brinquedos às crianças para cumprirem os seus deveres escolares». O mesmo Jesus já ensinava: «Faze por Ti, que Eu te ajudarei». E não, paga a outros a que o façam por ti»... Acontece «que os maus governos sofrem com a sua desídia pelo papel que lhe coube perante o povo, perante a Nação. E os bons, o prêmio das suas virtudes, do seu interesse por esse mesmo povo ou nação que lhes incumbem velar e defender. Haja vista, «as sete espigas cheias e as sete vasilas. E as sete vacas gordas e as sete vacas magras do sonho do **Faraó**, decifrado por **José do Egito**», pois, em tal sonho há um bom exemplo para todos os «governos», que se não limitam a fazer política, a pensar, desde que entram... «no seu substituto», e sim, precavidos se tornam contra os tempos de miséria que podem assolar o País que governam, e os de fatura, são inteligentes, dinâmicos, amigos de seu povo, enfim, uma espécie de **Pai** ou de **Manú** à frente de sua «família»....

Enfim, falar de semelhante **Governo (Oculto)**, é falar de **AGARTHA** e **SHAMBALLAH**, pois que, o próprio **René Guénon**, afirma naquela sua supracitada obra, «que **Agartha** já esteve na face da Terra (certa região da **Atlântida**). Mas, o que ele não sabia é que a mesma, tanto outrora como hoje, se compõe de sete cantões, ou cidades, cada uma delas governada

por seu REI (os SETE REIS DE EDOM ou Edem, do Paraíso terrestre, etc.). Do mesmo modo que não cita Shamballah, que muitos confundem com AGARTHA. E já dissemos que significa: Mansão ou VALE DE DEUS, de preferência, «dos DEUSES». O WAHALLAH, das lendas escandinavas, também exprime a mesma coisa: «Vale ou Mansão dos Deuses». E como «a Verdade paira no ar, para os Intuídos, dela se servirem, aí temos o filme HORIZONTE PERDIDO, onde há uma «região privilegiada, com o nome de Shangri-lá...»

E é assim que, ao finalizar um ciclo de evolução para a Humanidade, o referido GOVERNO se manifesta, pouco importa de que maneira... mas obediente, entretanto, àquela «promessa» (por sua vez já por nós apontada neste mesmo estudo) feita pelo Bhagavad-Shri Krishna, ao seu discípulo Arjuna: «Todas as vezes, ó filho de Bharata! que Dharma (a lei justa) declina, e Adharma (o contrário, como está acontecendo agora...) se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei, Eu nasci em cada Yuga (ciclo, idade, etc.)». O mesmo dizer, «um avatar da própria Divindade (como Filho, etc.) na Terra se manifesta, o que não deixa de ser um JULGAMENTO Cíclico, e não final, como pensam muitos...

Temos um exemplo dessa nossa proposição em matéria governamental, no rei Felipe II, conforme se poderá verificar na obra do grande cientista e Teósofo espanhol Dr. Mario Roso de Luna, intitulada *De Sevilla al Yucatan* (o uma viagem ocultista através de la Atlantida de Platon), quando o mesmo, se referindo àquele misterioso rei de Castela, tem estas palavras: «Felipe II — que o vulgo o cognominou de «anjo do meio-dia» — por desconhecer o seu papel secreto no mundo, firma o seu régio poder através de equilibrante e valioso «Triunvirato»: Ele próprio, como Poder Executivo; Arias Montano, coluna da esquerda, como Poder Legislativo e o Duque D'Alba, coluna direita, como Poder Judiciário». Arias Montano, por sua inteligência comparável, por exemplo, a um Pico de la Mirandola, era, ainda, a Coluna da Inteligência (ou Jnana, como um dos 3 caminhos da Vedanta, dizemos nós). Enquanto o Duque D'Alba, a Coluna da Justiça (por sua vez, o caminho de Bhakti ou Justiça, Amor, Devoção, embora que, aparentemente contraditória para aquele que o vulgo, por sua vez, cognominou de «sanguinário». Em verdade, nada mais difícil do que julgar os Homens, principalmente os que vêm investidos de certos poderes... ou antes, «missões»).

Em verdade existe um quarto Poder, mas este por ser mais que secreto, digamos assim, é Aquele que dirige ou governa à distância, por que não dizer? da AGARTHA. Donde ser, também, chamado de GOVERNO OCULTO DO MUNDO, como já o apontamos anteriormente. Esse Poder, que também é formado por 3 Sêres, poderia ser chamado de MODERADOR ou Equilibrante.

No tempo do Império, D. Pedro II, por exemplo, fazia esse papel de MODERADOR talvez que, com maior propriedade do que muitos outros «reis terrenos». Era um Monarca, um IMPERATOR, por excelência. Este último termo foi empregado pela verdadeira ROSACRUZ, para aquele que a dirigia... Rei ou Imperador do Mundo, é aquele que Dirige da Agarttha.

A bem dizer, essa tradição já provinha dos tempos dos «reis divinos» (os Paraós, por exemplo, eram considerados «deuses»). Daí «o poder de curar que muitos tinham, principalmente na Inglaterra. Diz-se que «o rei Jorge V tinha o dom de curar o cancer com a simples imposição das mãos». Quanto ao MAGNÂNIMO, JUSTICEIRO e SÁBIO (físico, por excelência) Pedro II, bastavam-lhe esses três «títulos» para provar a sua nobilíssima Hierarquia, pois que, em si mesmo possuía os três referidos PODERES, embora que sabendo escolher quem, a seu lado os representasse, nas Figuras dignas e ilustres daqueles que O cercavam. Que diferença, entretanto, daqueles abençoados tempos de outrora... para os duvidosos de hoje, com as minguidas exceções de um FIM DE CICLO APODRECIDO E GASTO. E o fato de elogiarmos um Rei, ou seja a quem fôr, não é motivo para que se nos tome como «monarquista» ou outra coisa qualquer. Muito mais, defendendo a idéia-mater do ciclo, que é a EUBIOSE empregada em todos os setores da vida, inclusive numa DEMOCRACIA,

desde que esta fôsse «a verdadeira». Nunca houve um rei ou Imperador mais democrata, do que PEDRO II (Nota do autor).

(2) Na Homeopatia — como medicina mais próxima da que se poderia chamar de racional — tais casos são facilmente resolvidos, pois, para fazer voltar uma doença ao seu estado primitivo, não faltam remédios apropriados. Para o caso, por exemplo, citado neste estudo, bastava uma dose de *Medorrhinum* 200, 5 gotas para 15 gramas de água destilada (*Medorrhinum* é o vírus blenorragico dinamizado), tomado de uma só vez, em jejum. De um caso grave, sabemos nós, ou seja de um doente que ficou paralítico de um braço — e que havia tido, quando mais jovem, diversas infecções dessa natureza, e o médico, mais que experimentado, lhe tendo receitado a fórmula antes recomendada, logo se manifestou um abcesso que tendo entrado em estado supurativo, graças à algumas doses de Silicea 30, como complemento do primeiro medicamento, o doente, além de se ver livre daquela paralisia, digamos, fictícia (por ser provocada pelo mal que persistia em estado latente, no organismo), ficou radicalmente curado da velha doença e outros sintomas, a bem dizer, subjetivos. A respeito de SILICEA, também sabemos de um caso dos mais interessantes: certo amigo nosso, falecido em 1948, em idade avançada, quando jovem e aluno da Escola Militar, foi baleado nos quadris, num levante em que o mesmo defendia briosamente — com outros companheiros — o Governo Federal. Extraída a bala, dentro de poucos dias obteve alta do Hospital. Quando o conhecemos, claudicava de uma perna, para, finalmente, sentir uma dor na mesma região onde em jovem fôra baleado. Dêmos-lhe a tomar Silicea da 30. Depois de alguns dias, formou-se um abcesso, que logo veio a furo e um corpo estranho foi retirado com uma pinça, na flôr da pele. Era uma esquirola ou «lasca de osso» que permaneceu durante todo esse tempo (mais de meio século) no lugar donde a bala fôra extraída. Desde então, todos os seus sofrimentos desapareceram. Veio a falecer de uma bronco-pneumonia por ter abusado da humidade numa idade em que todo e qualquer abuso pode ser fatal, isto é, passou horas inteiras cuidando da sua chacara, num dia chuvoso.

O fato é que, enquanto a Alopátia vê em certos sintomas, «simples manifestações nervosas», a Homeopatia vai mais longe, embora que desconhecendo como a primeira — as questões do corpo astral — que se diga de passagem, não deixam de atingir o sistema nervoso. E é assim, por exemplo, que o caráter do doente é levado em altíssima consideração (hoje a Psicossomática também pensa desse modo, embora que muito longe ainda de conhecer a fundo os mistérios dos métodos antigos...). Uma sra. «de porte de rainha», por exemplo, cabêça em posição de altivez, etc. logo ao dar entrada no consultório do médico, este vai logo anotando a PLATINA, como seu remédio de fundo, ficando o ou os demais, de acordo com os sintomas pela mesma revelados. Na mesma razão, o doente que não para de mover com os pés, quando estando sentado. O mesmo faz o médico experimentado: anota *Zincum metallicum*, como seu remédio preferido. Os demais, como no caso anterior, correm por conta dos sintomas pelo próprio doente revelados. E assim por diante. Paracelso, já em seu tempo — como verdadeiro criador do «Similia, similibus curantur», de quem Hahnemann foi buscar a sapientíssima sentença, já dizia: «Estudar anatomia e fisiologia» num cadáver, é o mesmo que querer prescrever as pulsações cardíacas numa estátua de mármore». Até hoje ninguém soube decifrar a razão de semelhantes palavras, que são as seguintes: Se no duplo eterico do homem (coisa não ainda conhecida pela Medicina oficial) se acham os centros de força (ou vitais), como verificar-se tal coisa num corpo sem VIDA?... Não falemos dos *Tattvas*, como «forças sutis da Natureza».

Karma, entretanto, da Humanidade lhe não permitiu, até hoje, a medicina racional a que muitos atribuem ao sistema Naturalista. Seria uma contradição palmar com as leis da Evolução, que ainda colocam o homem muito distante do seu final. E assim, embora que a Homeopatia tenha recursos maiores que a Alopátia e outras mais medicinais, todos os seus verdadeiros sacerdotes lutam denodadamente para restabelecer a saúde aos seus doentes. Nesse sentido, seria impossível citar os nomes de quantos, no mundo inteiro, deixaram um rastro luminoso após a sua passagem. E isto, no tempo em que se procurava debelar uma pneumonia, por exemplo, (inclusive, a dupla) com uma poção de Benzoato de sódio, ipeca, kermes

mineral, xarope de canela, etc. auxiliada por sinapismos, ventosas e outras coisas mais. E, pois, esta uma homenagem que prestamos, ao menos, em nosso País, aos ilustres baianos daquele tempo, com os nomes de Silva Lima, Chastenet, Paterson, Nina Rodrigues, Alfredo Brito, Aurelio Viana (este ainda vivo, mas já no último quartel da vida, do mesmo modo que um Francisco Cardoso), Júlio Adolfo, Júlio David e outros muitos. E no Rio, a um Barbosa Romeu (famoso cardiologista, com mais de 50 anos de clinica hospitalar, do mesmo modo que, um Silvio Moniz, todos êles «verdadeiras glórias da medicina nacional».

Hoje, porém, os métodos são outros, ou relativamente mais fáceis do que os de outrora. E isto, porque, quem fórmula não é mais o médico, e sim, os Laboratórios de Produtos Químicos, como sejam: a Penicilina, a Aureomicina, a Cloromicetina e demais anti-bióticos, «verdadeiras espadas de dois gumes»... Não falemos nos tais «inseticidas», provocadores de «alergias tremendas», que jamais acabam com os «insetos», mas aumentam, a riqueza dos «nababos do Petróleo».

Citam-se inúmeros casos de «trombose» provocados pela Penicilina, além do mais comum, e relativamente fácil de debelar, que é a da «urticaria», etc. Quanto a Cloromicetina — com a qual se pode debelar hoje em poucos dias, o tifo e o para-tifo, tem provocado uma série de distúrbios tão grandes, que da própria América do Norte têm sido feitos, ultimamente, sérios avisos nesse sentido.

Muitas pessoas ignoram que, nesse mesmo País, tão estreitamente ligado aos nossos destinos, tanto espirituais como materiais, existem diversas Companhias de Seguros, que não aceitam segurados que façam uso da Alopátia. E semelhante exigência evita outros comentários...

(3) Acrescentamos nesta anotação uma teoria, que embora da autoria do Presidente cultural e espiritual da S.T.B. — tem algo de semelhante com os processos empregados na Universidade de KUMBUM, no Tibete, e em nosso próprio País e outros mais, no que o vulgo denomina de «cura por meio de rezas, de simpatias, etc.», embora que, para o Prof. Henrique J. Souza (como Presidente da referida Instituição), os processos sejam bem outros. Semelhante teoria é a seguinte: a moléstia que nunca vem de dentro para fora, e sim de fora para dentro, na razão de que a força vital que provém do plano astral (ou JIVA) se derrama nas campanulas dos chacras ou centros de força no homem, é representada por uma triplíce forma (sempre o «ternário» de que já nos ocupamos em outros lugares), a que daremos os nomes de DEVATA (como espírito ou essência da doença), micróbio (como alma ou força que mantém tal doença), e finalmente, a própria doença (visível ou não, no corpo físico do doente). Razão pela qual, como foi dito anteriormente, inúmeras pessoas fazem uso do referido método das rezas, que, no Oriente têm o nome de Dhāranis, ou mantrans especiais para cada uma das doenças.

Quanto à Universidade tibetana a que nos referimos, e que tem o nome de KUMBUM, por ser situada nesta região, ou antes, no mosteiro desse nome, possui os seguintes cursos: 1.º — a Faculdade mística, que abraça as regras da vida contemplativa e os exemplos encerrados nas vidas dos santos budistas; 2.º — a Faculdade de liturgia, compreendendo o estudo das cerimônias religiosas, com explicação de tudo quanto serve ao culto lamaico; 3.º — a Faculdade de Medicina, tendo por escopo principal, o conhecimento propedêutico e terapêutico das quatrocentas e quarenta e quatro doenças (por lei de «causalidade», o número «444» dizia respeito à Atlântida...) a que está sujeito o corpo humano; a 4.º é a Faculdade das preces (nesta é onde está contida a teoria que serve de base tanto do Presidente da S.T.B. como, por tradição, à das rezas, por exemplo, para a erisipela, o «cobreiro», e até a «bicheira», no gado, nos sertões brasileiros, etc. Esta parte da Universidade de KUMBUM, é a que congrega o maior número de estudantes, embora que a mais perigosa... «por lidar com as coisas do mundo Astral».

Uma comissão científica enviada pelo Governo Britânico, foi ao referido mosteiro «para estudar os métodos ali postos em prática», mas, somente dois dos seus membros puderam

transpôr os umbrais do referido «Mosteiro». Os demais, para todos os efeitos, «fôram considerados personas não gratas»... isto é, «não merecedoras da devida confiança por parte dos seus principais Dirigentes».

Quanto ao Presidente da S.T.B. «que esteve no Norte da Índia» no ano 1899, quando, a bem dizer, foi fundado o Movimento cultural e espiritual em que está empenhada a S.T.B. (e isto, na «Ilha de Itaparica», donde o mesmo se dirigiu primeiro para Lisboa, e depois, para aquela região indiana), em verdade, não foi ali para aprender coisa alguma, mas em missão especial, que lhe incumbia naquela época... pois que, seus poderes congênicos eram por demais conhecidos, não só por parte de sua Família, como de Homens Ilustres, como por exemplo, o grande Nina Rodrigues, Alfredo Brito (Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia), Souza Leite, da Clínica de Charcot, etc. etc. Razão porque, melhor do que nenhum outro, apresentou um trabalho a respeito do «Messias de Poços de Caldas», em o número de Novembro deste ano, por ser um caso dos inúmeros que podem ser curados em horas, mas aqui, se a vontade de outros (os espíritos) quizessem auxiliar à referida cura, por se tratar do «Pitiatlamo, segundo Bablinski», ou uma manifestação hística que aparece pela sugestão e desaparece pela persuassão....

Nas mesmas condições está a Coréa ou «dansa de S. Guido (ou Vito)», pois, a bem dizer é uma manifestação de caráter hístico. Vamos dar um exemplo, entre muitos, passado com o mesmo Presidente da S.T.B., Prof. Henrique J. Souza:

Quando jovem, ainda, a residindo em companhia de seus Pais, na Praça Duque de Caxias (antigo Campo Grande), em Salvador, capital da Bahia, estava êle conversando com uma sua prima, na janela, quando viram passar do lado oposto um grupo de pessoas acompanhando uma jovem atacada do referido mal, a caminho da Igreja de Sto. Antonio da Barra, tido pelo povo, «como santo milagroso»... A jovem ia baloiçando o corpo de um lado para outro, voltando sobre si mesma, retrocedendo os passos, em resumo, os sintomas conhecidos da referida «doença». Foi quando o hoje Presidente da S.T.B. percebeu que sua prima começava (por imitação ou sugestão) a fazer a mesma coisa que a pobre jovem doente estava fazendo. E logo, segurando-a por baixo dos braços, falou-lhe em voz um tanto forte: «Deixe-se de imitar a doença daquela pobre infeliz. Você não tem nem nunca teve semelhante doença. E logo, arriscou uma pilheria delicada: Eu logo vi que não passava de brincadeira! Você queria, sim, dansar qualquer coisa». E ela, rindo, não mais pensou no caso.

Mais um outro interessante fato passado na mesma cidade, mas já tendo o Prof. Henrique J. Souza formado família, e residindo no Pôrto dos Tainheiros, em Itapagipe. Uma canôa se dirigia, apressada, em direção à muralha, em cuja frente se achava a referida residência. Um sobrinho seu «vinha buscá-lo para socorrer uma de suas sobrinhas, que estava sem sentidos desde manhã cedo, sen: que o médico chamado tivesse obtido o menor resultado». Na mesma hora, a canôa voltava para a Ilha de Santa Luzia, de propriedade de sua família. Em lá chegando, não pde logo socorrer sua sobrinha, porque um sacerdote, que ia todos os domingos dizer missa na capela da família, rezava fervorosamente junto da moça, sem que esta desse o menor sinal de vida, a não ser, uma respiração curta, quasi apagada... Depois de alguma espera, vendo êle que o sacerdote não obtinha resultado algum com as suas preces, pediu licença (depois de sua irmã fazer as apresentações, etc.) e, soprando os olhos da jovem, ordenou-lhe que se levantasse, etc. E ela, um tanto admirada, obedeceu à ordem. O sacerdote, este sim, com os olhos esbugalhados, teve apenas estas palavras: «Estou aqui há tanto tempo orando a Deus para que fizesse voltar a vida à esta moça, e o sr. logo chega e a desperta. Pode dizer-me como fez isso? — «Assim como o reverendo viu», disse o mesmo Prof. Henrique, acrescentando mais estas palavras: «Faça o mesmo sem necessidade de preces, deixando estas... para outros casos».

Quanto à irmã do Prof. Henrique, que o mandou chamar para salvar a filha, foi a mesma que, quando êle ainda muito jovem, e vendo «os milagres» que o mesmo fazia, colocou, na porta de seu quarto, um papelão com este anúncio mais que jocoso: «Dr. Bota-mão».

Mais outro caso interessantíssimo, por ser muito mais difícil, talvez, do que os dois primeiros:

Já agora residia o Prof. Henrique J. Souza com sua família à Rua Martins Pena n.º 3, no Rio de Janeiro, quando uma vizinha intercedeu à sua esposa «para que o mesmo pedisse para ir ver uma filha sua tida como tuberculosa, ao mesmo tempo que, obcecada»... Concedido o pedido, o mesmo logo compreendeu que «se tratava de um caso de sugestão» (igual, dizemos nós, à de Poços de Caldas), e foi logo dizendo (mesmo que contrariando à sua vontade...): «já sei, um mau espírito lhe acompanha devido as várias vezes que frequentou sessões espíritas doutrinárias. Veja como tal obsessor foge diante da minha ordem». Com alguns gestos ordenadores, o Prof. Henrique J. Souza, «pôs fora o tal espírito, da imaginação da doente». E logo virando-se para a mãe da moça: Queira trazer um copo de leite para sua filha. Ela deseja alimentar-se, pois, conforme a sra. fez ver, ela não se alimenta há muito tempo». Enquanto a sra. ia buscar o copo de leite, o mesmo professor disse para a sua nova doente: «Um copo de leite, por enquanto, porque mais logo a senhorita vai comer uma feijoada completa.... Amanhã vai assistir um belo filme de cinema, aqui mesmo no bairro». Ela esboçou um sorriso, coisa que até então não fazia. A vitória era completa... Voltando a pobre senhora, entregou o copo de leite à sua filha, que o sorveu em poucos goles. E sua alegria era imensa, além do mais, por ver que a mesma sorria. A sra. precisa mandar, hoje mesmo, sua filha para outra casa mais alegre, mais iluminada. Este quarto mais parece uma sepultura. De fato, o quarto era pequeno, escuro, tendo uma escada nos fundos.... O conselho foi seguido. E a jovem foi residir, por alguns dias, em casa de um tio. Dias depois uma jovem passando pela frente da casa do Prof. Henrique J. Souza, que se achava à janela, teve este de corresponder a um cumprimento amável. Era a jovem que, como professora, voltava ao colégio para dar aula aos seus alunos...

De outra vez, residindo o mesmo em Niterói, assistiu verdadeira sessão espírita na barca em que viajava para a capital: um «obsedado» respondia mal a um bondoso espírita que procurava doutriná-lo, dizendo mesmo coisas impróprias. Por sua vez, um pastor protestante, com a Bíblia na mão, ordenava ao pobre homem, que, em «nome de Deus se contivesse». E o «milagre» jamais se produzia. Foi quando o tal obsessor distinguindo, de longe, a figura do Prof. Henrique, teve estas enigmáticas palavras: «Eis ali o único homem que me pode conter neste momento». Espírita e pastor se dirigindo para o mesmo, tiveram estas palavras: «Se o sr. possui tais poderes, como não os pôs a serviço de Deus para cura de um doente»? Como fazer tal coisa, respondeu o Prof. Henrique, se os senhores, antes de mim, faziam aquilo que a mim impõem num gesto tão indelicado?... E eles ficaram silenciosos, como quem medita. «Desculpem, queridos irmãos e amigos». E dirigindo-se para o doente — mesmo de longe, e enfrentando os olhares dos passageiros da barca, ordenou: «Se assim é, que assim seja, meu amigo. Fique, pois, quieto e curado»... E o Prof. Henrique, para não ser alvo de elogios, nem de olhares indiscretos.... encaminhou-se para a prôa da barca, que já estava quasi em frente ao pontilhão. E foi o primeiro a saltar.... Sim, «daí com a direita, para que a esquerda não veja».

Aproveitemos esta anotação para uma série de ponderações a respeito da «geração espontânea», de que fala o presente estudo:

Inúmeras são as coisas surgidas ou «nascidas desse modo». O mesmo acridio ou gafanhôto, também chamado de «praga do Egito», seja pela própria Bíblia ou em documentos científicos de tempos passados. E cuja causa bem que se poderia afirmar «que fôsse das grandes secas do Nilo», pois que ainda hoje, verdadeira praga ao próprio Brasil coube, com «o aedes egípti», mosquito propagador da febre amarela (diverso da *stegomyia facciata*), principalmente nas regiões nordestinas. O acridio tem hoje como «sede principal», digamos assim, em relação ao lugar da sua «origem», uma vasta região pantanosa da Patagônia (Argentina). E onde prolifera uma vegetação semelhante ao capim, mas que seca facilmente... O calor que daí se desprende (justamente por se tratar de um pântano ou lugar húmido) é a causa do referido fenômeno. Quem diz calor, diz magnetismo, diz vida, etc.

Nos indivíduos atacados de «cogumelos», o calor é a causa, e aqueles, o efeito. Se internos, por exemplo, devido a fermentações, putrefações intestinais, etc., segundo se sabe, principalmente quem sofre desse mal, provoca «quentura» ou calor nos intestinos. A vitamina B1 para tais doentes implica em agravação do mal, porque a mesma sendo rica em «levedo», aumenta a quantidade daquele que é fabricado internamente nos referidos indivíduos. Quanto ao cogumelo manifestado externamente, em forma de «micose», por exemplo, entre os dedos dos pés, etc. o fenômeno se dá mais no homem do que na mulher, principalmente nos tempos atuais, porque, enquanto esta faz uso de calçados abertos, em forma de alpargatas (ou alpercatas), não o faz das meias, o que concorre para uma ventilação constante dos pés, aos homens tal não acontece. Outrora, esta como outras doenças não eram conhecidas, justamente pela maneira de trajar ser bem diferente, tanto no homem como na mulher. Haja vista: a túnica, o manto, as alpargatas, etc.

Pelo que se vê, não são idéias novas que desejamos impôr ao mundo, pois que as mesmas são muito mais velhas do que se possa imaginar. E todas elas aprendidas nos Colégios iniciáticos do Egito, da Grecia, de Roma. A própria Índia até hoje mantém os velhos costumes de trajar, com pequenas diferenças.

O fato é que, se para o mundo profano somos obrigados a adotar a linguagem expressa neste mesmo estudo, outrotanto não acontece com aqueles que se acham alistados em nossas fileiras. E muito especialmente, com os nossos PUPILOS, «como Sementes da Nova Era». A Sociedade Teosófica Brasileira pretende fundar um Ginásio na estância sul-mineira de São Lourenço, onde é sua Sede e Fôro para, no mesmo, serem educados sob os seus princípios teosóficos ou eublóticos, não só os nossos referidos Pupilos, mas também, os de outras pessoas estranhas ao nosso Movimento. E a prova é que, diversas Famílias residentes na supracitada estância aguardam ansiosamente por tão auspicioso acontecimento (Nota do autor).



"SHANGRI-LA", EXISTE?

(Cont. da Pag. 100)

ritual e político, da Revolução Francesa, com a queda da falsa Flor de Lis dos Bourbons. Naquela época, as referidas iniciais queriam dizer «LILIUM PEDIBUS DESTRUE». Sim, o lis ou lírio foi destruído, com a queda da Bastilha. Hoje, porém, é enaltecido, como verdadeiro lírio ou LOTO das MIL Pétalas, representando o 7.º estado de consciência teosófica (e consequentemente eubiótico), na supracitada Montanha... E como tal Movimento vise, em primeiro lugar, às crianças, como «SEMENTE DA NOVA CIVILIZAÇÃO (razão do lema da S.T.B. — SPES MESSIS IN SEMINE, ou «a esperança da colheita reside na SEMENTE), o que ficará definitivamente aprovado pelo mundo, no ano 1956, um outro slogan foi desde o início adotado: LAUDATE PUERI DOMINE. Louvai, crianças, ao Senhor, isto é, a Deus manifestado na Terra (nos dias que se aproximam), como avatara AQUARIUS, signo zodiacal este que começará no início do século XX... (Vide Ocultismo e Teosofia, de LAURENTUS).

Em outros lugares da referida obra, encontra-se o seguinte:

«Tabernaculo da Santidade» de Jehovah, como residência de Shekinah, é o Santo dos Santos (Sanctum-sanctorum), o Templo, como centro de Sião, Jerusalem (termo que pode ser aplicado não apenas à uma região ou lugar, mas a qualquer outro semelhante «CENTRO» espiritual do Mundo) esteja em função, ligado à AGARTHA, etc.). Era tido outrora, como «centro da Terra de Israel, colocada no centro do mundo. Pode-se mesmo indicar coisas mais afastadas ainda, não somente o que já foi enumerado, tomando-o em ordem inversa, mas também, o Tabernaculo no Templo (razão da mesma S.T.B. o ter edificado numa colina, que recebeu o nome tradicional de CANAÁ, ou «promissão»), a ARCA DA ALIANÇA, lugar de manifestação de SHEKINAH (entre os dois Querubins, qual aconteceu no ano 1921 nesse mesmo Lugar, na aparição levada a efeito diante dos DOIS PRINCIPAIS fundadores e Chefes do referido Movimento em que a S.T.B. está empenhada), que representam, como tal, aproximações sucessivas do «Polo espiritual».

«Foi esta a razão que levou Dante a apresentar JERUSALEM como «Polo espiritual». Isso porém, desde que se abandone a idéia racial ou relativa apenas ao povo judeu, torna-se sobretudo simbólico, e não mais constitui um determinado lugar, no sentido estrito da palavra. Todos os centros espirituais secundários, constituídos por adaptações da tradição primitiva em condições determinadas, são, como já tivemos ocasião de demonstrar, simples imagens do CENTRO SUPREMO; nestas condições se pode achar SIÃO, que não passara, por isso, de um centro secundário (Monte Libano, Baalbeck, etc. o foram, dizemos nós, não passando, talvez de sub-agências na face da Terra, desse mesmo CENTRO SUPREMO, que tanto pode ser Agartha... como SHAMBALLAH. De ambos esses sub-centros os referidos Chefes de nosso cultural e espiritual Movimento, receberam expressivas Mensagens em árabe e em outro idioma, figurando no Museu do referido Templo edificado na estância de S. Lourenço). Capaz, no entanto, de com aquele se identificar pela semelhança existente entre os dois. Jerusalem é, de fato, como seu nome indica, uma imagem da verdadeira SALEM (o mesmo termo SALOMÃO, que se dá a um dos mais sábios reis da sua História, provém daquele nome. E não falta quem afirme o nosso rio Solimões ter o mesmo étimo...»). Isto nos leva a reafirmar não ser ela a «Terra Santa», mas apenas, «Terra de Israel» (etimologicamente falando: «realza de Isis ou IO»). E tanto basta para se deduzir onde queremos chegar»...

E mais adiante da mesma obra:

«Outra expressão de valor, como sinônimo de TERRA SANTA, é a de Terra dos Vivos (antes dito, dos Imortais, que, a bem dizer, é o mesmo mundo de Duat das antigas tradições, ou melhor, «dos vivos que passam por mortos»...) que designa manifestamente, a «região da imortalidade», como foi dito no último parêntesis. Esta designação — em seu sentido próprio e rigoroso, é aplicável ao PARAÍSO terrestre, ou a seus equivalentes simbólicos, tendo sido também aplicado às Terras Santas secundárias e, notadamente, à Terra de Israel. Diz-se «que a

Terra dos vivos compreende SETE TERRAS (tal como a Agartha etc.). E Mr. Vulliamd noticia, nesse sentido, que «esta terra é Canaã, onde vivem sete povos». Com efeito, tudo isso é real no sentido literal; mas, simbolicamente, essas sete Terras poderiam muito bem corresponder aos SETE DWIPAS, ou «continentes», que segundo a tradição indú, possuem por centro comum, o MONTE MERU. Do mesmo modo, quando os antigos mundos ou criações anteriores à nossa (Terra), são figurados pelos SETE REIS DE EDOM (do Edem ou Paraíso terrestre, cujo número setenário coincide com os da própria CRIAÇÃO ou «sete dias» da gênese), nos revela uma grande semelhança, demasiado frisante para ser tida como accidental, com as éras dos SETE MANUS (lembramos o nome dado à nossa Montanha Sagrada, como sendo a de um desse mesmos Manus...) contadas desde o início do Kalpa até a era atual.

Não é, pois, méra coincidência, que o último desses continentes, donde surgirá a sétima raça, seja o de PUSHKARA, com o significado de «mar de leite ou de manteiga clarificada». «Chave de Pushkara», foi o nome do símbolo que esteve no respectivo escrínio da Obra, durante sete anos. E que seu Chefe teve de levar novamente... para o Lugar da sua Origem. S. Lourenço, estância hidro-mineral sul-mineira, faz, também lembrar que sua produção principal (ou de todo o Estado de Minas Gerais) é a de «lactícínios», por isso mesmo, relacionados com o verdadeiro significado daquele supracitado «símbolo». Ademais, como temos dito inúmeras vezes (continua o autor), «Serra da Mantiqueira», faz lembrar o do vaso que conserva a manteiga, isto é, «mantegueira». Manteiga ou «mantica» (no latino), tanto vale», é o Lugar onde se acha, no presente ciclo, o que de mais alto ou elevado se pode conceber em espiritualidade. Donde ser apontado como «centro de irradiações espirituais para toda a face da Terra». Res non verba».

SOCIEDADE CULTURAL-ESPIRITUALISTA

«CRUZEIRO DO SUL»

Tomou posse, no dia 14 de Janeiro, a nova diretoria que dirigirá os destinos da «Cruzeiro do Sul» no próximo biênio. Ficou assim constituída: Presidente — Dr. Dino Guidi, Vice-presidente — Dr. Gerd Malschitzky, Secretário — Major Nelson Rosa, Tesoureiro — Cap. Aldo Ribeiro da Luz, Procurador — Sr. Rodolpho Bradaschia, Bibliotecário — Sr. Ignácio Cruz de Farias. Este periódico, ao felicitar os membros da Diretoria empossada, deseja-lhes uma feliz gestão.

A Sociedade Cultural-Espiritualista «Cruzeiro do Sul», com sede em S. Paulo, à rua da Liberdade, 47 - 1.º andar, oferece palestras públicas tôdas as Quintas-feiras (às 20,30 horas) e debates públicos aos Sábados (às 20,30 horas), sobre assuntos espiritualistas da mais alta significação e atualidade. Tanto as palestras públicas como os debates são dirigidos pelo insigne professor Dr. Antonio Castaño Ferreira, Instrutor Geral da Sociedade Teosófica Brasileira, profundo conhecedor das doutrinas filosóficas tanto do Oriente como do Ocidente.

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo